

Encadernação e
Douração

EDGARD DE CARVALHO

São Paulo
Rua Liberdade, 788



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AS MINAS DE PRATA

OBRAS DO MESMO AUTOR.

O GUARANY, romance brasileiro, 2.^a edição revista pelo autor, 2 vol. in-4º, nitidamente impressos e elegantemente encadernados 16\$000

CINCO MINUTOS. A VIUVINHA, romance brasileiro, 2.^a edição revista pelo autor, 1 vol. in-8º brochado.... 2\$000

AS AZAS DE UM ANJO, comedia em um prologo, quatro actos e um epilogo, 2.^a edição revista pelo autor, 1 vol. in-8º brochado..... 2\$000

O DEMONIO FAMILIAR, comedia em quatro actos, 2.^a edição revista pelo autor, 1 vol. in-8º brochado..... 1\$500

MÃI, drama em quatro actos, 2.^a edição revista pelo autor, 1 vol. in-8º brochado..... 2\$000

VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2.^a edição revista pelo autor, 1 vol. in-8º brochado..... 1\$000

J. DE ALENCAR.

AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

I.

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDITOR

69,—RUA DO OUVIDOR,—69

—
1865.

1865—Typ. de Quirino & Irmão, r. d'Assembléa n. 54.

I.

Em que se trava conhecimento com dois mancebos de boas prendas.



Raiava o anno de 1609.

A primeira manhã de janeiro, esfolhando a luz serena pelos horisontes puros e diaphanos, dourava o cabeço dos montes que cingem a linda Bahia do Salvador, e desenhava sobre o matiz de opala e purpura o soberbo panorama da antiga capital do Brasil.

A cidade nascente apenas, mas louçã e gentil, elevando aos ares as grimpas de suas torres, olhando o mar que se alisava a seus pés como uma alcatifa de velludo, era então, pelo direito da belleza e pela razão da progenitura, a rainha do imperio selvagem que dormia ainda no seio das virgens florestas.

A natureza preparara no grupo de outeiros apinhados um throno de relva sobre o qual a linda cidade dominava o oceano, sorrindo ao nauta que da extrema do horisonte a saudava com um olhar amigo, para dar-lhe o bom dia si chegava, e enviar-lhe o ultimo adeos quando se partia.

Despertando com os primeiros raios da alvorada, a população bahiana recobrava a actividade depois do repouso. As casas se abriam para receber o ar e a luz da manhã ; a pouco e pouco os mil rumores do dia, que são a voz das cidades, iam enchendo o espaço antes occupado pelo silencio e pelas trevas.

Os mestiraes e villãos já percorrião as ruas, não com a calma e regularidade de homens que vão ao trabalho ou ao cumprimento da obrigação diaria, mas com a agitação doce e a jovial soffreguidão de quem busca o prazer, e corre apoz uma alegre esperanza.

Vestidos com maior apuro do que punham nos trajes domingueiros, homens e mulheres saudavam-se entre si com tal effusão, desejando as boas saídas e estreas de anno ; apertavam as mãos com tamanha cordialidade, que percebia-se na disposição geral dos animos a doce influencia de um motivo qualquer de regosijo publico.

Com effeito não era a festa do *anno bom* a causa unica da jovial expansão ; outra havia. Aquelle dia estava marcado para os festejos com que a Bahia desejava solemnizar a chegada do novo Governador geral do Estado do Brasil, D. Diogo de Menezes e Siqueira, que depois de haver permanecido um anno na Capitania de Pernambuco para dispor sobre cousas da administração, aportára finalmente á capital no dia 17 de dezembro de 1608.

Não havia exemplo de semelhantes demonstrações em uma cidade onde os Governadores e Capitaens generaes revestidos de poderes absolutos, eram recebidos com desconfiança, e muitas vezes despedidos com alegria. Mas D. Diogo de Menezes, depois conde da Ericeira, e um dos abalisados varões que governaram o Estado do Brasil, merecia pelo seu nobre character e espirito superior uma demonstração especial da parte dos bahianos.

Comtudo, essa unica circumstancia não bastara para excitar na classe rica o desejo de receber o novo Governador com festas publicas, si o interesse, primeira lei das acções humanas, não inspirasse o mesmo pensamento, como um habil expediente de politica colonial.

Durante o tempo que se demorára em Pernambuco, D. Diogo de Menezes tinha revelado sua força de vontade; e mostrára o firme proposito de repellir a intervenção que o bispo D. Constantino Barradas e a companhia de Jesus exerciam anteriormente sobre o governo temporal. A luta se travara com uma questão de etiqueta e precedencia, a que dera logar a procissão do Corpo de Deus celebrada em Olinda.

Justamente n'essa epocha os senhores de engenho, que formavam a classe nobre e rica da Bahia, sustentavam contra os jesuitas a grande questão da servidão dos indios; e comprehendiam a vantagem de ter de seu lado um homem como D. Diogo de Menezes, cujo voto authorisado devia pesar nas decisões do Conselho da India, e no animo de El-rei D. Philippe III.

Por isso, chegado que foi o Governador, se concertaram para fazer-lhe uma recepção brilhante.

Em quatorze dias estavam concluídos todos os preparativos e aprestos necessários para solemnizar com a entrada do anno os beneficios do novo governo.

O programma do festejo primava pela variedade e boa escolha. Depois da missa cantada seguida de *Te-Deum* havia alardo da gente de guerra e companhias de ordenanças em frente aos paços ; á tarde devia correr-se no Terreiro do Collegio uma lusida cavallhada com a qual se dariam jogos, torneios e alcanzias ; á noite dansas pelas ruas e arcos de luminarias concertados com palmeiras ou festões de flores na Praça do Governador.

Não era preciso tanto para excitar a imaginação viva da mocidade bahiana, e fazer girar como corruptions todas as comadres devotas e mexeriqueiras, de que a metropole brasileira já naquelle tempo estava abundantemente provida.

A Bahia não passava então de uma pequena cidade habitada por cerca de mil e quinhentas almas ; mas seus visinhos eram abastados e gostavam do luxo ; havia muitos colonos ricos de fazendas de raiz, peças de prata e ouro, jaezes de cavallo e alfaias de casa ; alguns tinham o melhor de cinco mil cruzados de renda, e diz Gabriel Soares, « tratavam suas pes-

soas mui honradamente com muitos cavallos, creados e escravos.»

Esses cabedaes que actualmente parecem mesquinhos, eram naquelle tempo avultados ; a facilidade com que se adquiriam e o genio natural da população inclinada ao fausto e prodigalidade alimentavam na Bahia e Pernambuco um luxo superior ao de Lisboa, e entrelinham o gosto pelas festas e divertimentos.

Não ha pois admirar si a capital do Brasil despertou quinta-feira 1º de janeiro de 1609, possuida do alvoroço agradavel que produz uma esperança pres-tês á realizar-se, e precede a satisfação de um desejo affagado de nossa alma.

A's seis horas o sino pequeno da Sé, tangido rapidamente, soltou os alegres repiques, que pelo som argentino parecem as vozes travessas dos anjos do Senhor, chamando os fieis ; os echos vibrando no ar foram apressar as palpitações de muito coração que os esperava com impaciencia.

Quasi ao mesmo tempo o carrilhão do Collegio dos jesuitas retroando pelo espaço acompanhava o canto matutino da torre episcopal ; suas notas graves, sombrias e plangentes, unindo-se aos repiques das outras igrejas, formavam o concerto magestoso com que a religião da luz e da verdade sauda o nascimento do dia.

Apenas a primeira badalada do sino repercutio nos ares e a larga portada da Sé abriu de par em par, o grupo de velhas beatas, que tinham amanhecido no adro da igreja, envoltas em longas mantilhas de rebuço, esgueirou-se pela teia das naves e lá foi tomar lugar no cruzeiro.

Em pouco as lageas do vasto pavimento se iam cobrindo daquellas trouxas negras ou pardas de seda e burel, que nem longes tinham de vulto humano ; da massa enorme elevou-se um sussurro, á principio imperceptivel, e por fim crescendo, como si um enxame de vespas esvoaçasse pelo ambito da igreja.

Nesse momento invadio o altar uma corporação, que hoje tem perdido muito da sua primitiva importancia social, mas que no seculo XVII representava um papel distincto em todas as carolices e galhofas da epocha ; doze meninos do coro, mettidos em sacos de lã vermelha, espalharam-se pelo corpo da igreja armados do competente acendedor.

Foi um reboliço : os rapazes travessos rindo como perdidos pisavam de proposito os vestidos das velhas devotas, que se conchegavão resmoneando uma ladainha de imprecações ; a mocidade imprudente não respeitava a velhice ; os animos se exa-

cerbavam, o sangue fervia ; afinal, esgotado de parte a parte o rosario das injurias consagradas pelo estylo, os dous campos lançaram mutuamente o ultimo e o mais terrivel dos insultos.

Os rapazes soltaram a palavra infamante de *barata*, á que as velhas retorquiram com o epitheto não menos affrontoso de *formigão* ; e depois disso como não havia despique possivel de tão grande provocação, á não serem as vias de facto que o respeito do lugar impedia, cada uma das duas hostes inimigas retrahio-se e voltou silenciosamente á suas occupações.

Era tempo ; porque a igreja enchia-se de fieis ; e no adro viam-se já as cadeirinhas e palanquins que traziam á missa as donas e filhas dos ricos senhores da Bahia.

Tinham parado na calçada dois moços, ambos na flor da idade, ambos elegantes e bem parecidos, mas tão dissemelhantes no trajar, como no molde da belleza varonil.

O mais velho, que teria vinte e dois annos, era moreno. A phisionomia franca e aberta, as côres frescas e rosadas, o porte firme e direito sobre uma estatura regular, mostravão compleição vigorosa ; mas sua expressão ressumbrava tanta graça, o sor-

riso que lhe brincava nos labios era tão façeiro, havia tal donaire nos seus movimentos ; que a força muscular desaparecia sob a flor da feliz organização, como a robustez do tronco sob a virente folha.

Vestia gibão de gorgorão côr de perola guarnecido na orla por delgado fio d'ouro com que eram igualmente tecidos os passamanes, e calção de velludo turqui debruado nas costuras por fino cairel de prata. Torçal de seda escarlate suspendia-lhe ao flanco esquerdo o florete ; o bonete de velludo azul com um broche de rubi cingia os anneis dos cabellos negros ; a meia côr de pinhão debuxava a perna bem contornada, e o sapato raso com espora afilada calçava um pé fino e aristocratico.

Naquelle tempo em que a profusão de côres vivas e bordados era o toque da louçania, não se encontrara de certo um cavalleiro trajado com mais gentileza e primor ; a riqueza apenas se mostrava, para não offuscar o bom gosto na combinação artistica das lindas côres, nem o esmero do corte e piques das roupas.

Tambem na Bahia não havia mancoço casquilho como Christovão de Garcia de Avila, senhor de fazenda passante de cincoenta mil crusados, e descendente de uma das familias nobres que tinham vindo do Reino com Thomé de Sousa, em 1549.

Nesse momento, voltado para a Praça do Governador, elle enfiava o olhar pela rua que desembocava no largo da Sé, e pela qual esperava ver despontar alguma cousa, que visivelmente o interessava.

O outro moço contava apenas desenove annos. Trajava tudo negro, de simplicidade extrema, mas de exquisita elegancia. Um aljofar isolado brilhava na touca de velludo preto ; as preguihas da mais fina lençaria de alvas deslumbravam ; a espora ligeira que mordia o salto do borzequim e a cruz da espada eram de aço, mas tão bem polido que scintilava como custosas pedrarias.

O setim negro das vestes dava muito realce á sua bella cabeça erguida com meneio altivo, e á alvura rosada de sua tez. Os grandes olhos pardos tinham os raios profundos e reflexivos que desfere a intelligencia nos momentos de repouso ; o labio superior, coberto pelo buço de seda que pungia, arqueava graciosamente com expressão grave ; era de alta estatura, e tinha como seu companheiro o talhe esbelto, mão e pé de supremo esmero.

Mas o que especialmente o caracterisava, era uma sombra imperceptivel, que as vezes deslizando pela fronte alta e intelligente, carregava ligeiramente as linhas do perfil e imprimia-lhe na physionomia o

cunho da vontade tenaz ; nestes momentos sentia-se que a razão calma, firme, inflexível dominaria se preciso fosse as expansões da mocidade.

Os dois cavalleiros continuavam a conversa começada quando se encontraram no adro da igreja.

— Perdes teu tempo : dizia Christovão de Avila, sem tirar os olhos do seu alvo predilecto.

— Não sei em que melhor o possa empregar do que em praticar com um amigo ; respondeu o cavalleiro sorrindo.

— Mal vaes com disfarces que d'algo não servem, que de mais descobrir a verdade. Digo que perdes teu tempo, quando teimas que entre tantas damas gentis não haja uma por quem desejes esta tarde tirar uma argolinha, ou correr um passe d'armas.

— E para ti ha alguma ? perguntou o outro desviando de si a allusão.

— Bem sabes que sim. Não sou de segredos ; tão santa cousa é o amor que Deos nos poz n'alma, que não me peja de trazel-o no rosto e á face de todos.

— Assim deve ser para quem é nobre e rico, e não teme repulsa ; mas outros ha que não tem direito de erguer a vista, embora mais alto que ella tragam o coração.

As ultimas palavras foram pronunciadas com li-

geiro assomo de orgulho offendido, que immediatamente suffocado esvaeceu em sorriso melancolico.

— A' fé que não te comprehendo, Estacio. Tão nobre és, como os melhores, e rico ; porque a ninguém, mais que a ti, devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Alvares conquistou ao gentio para El-rei, de quem as houvemos nós e nossos paes.

O moço ia replicar, quando uma cadeirinha de cupola dourada, que vinha das bandas do Terreiro do Collegio, carregada por dous negros vestidos á mourisca, com aljubas de lã escarlate, excitou vivamente sua attenção.

Christovão simulou não perceber o estremecimento de prazer que teve seu companheiro, e voltou o rosto sorrindo.

Nem um nem outro reparou em certa dama que nesse instante e acerca delles passava para a igreja, acompanhada por uma velha aia. Estava ella completamente velada com o espesso crepe da mantilha, de modo que era impossivel distinguir feições. Vendo o gesto de Estacio, lançou rapido e furtivo olhar para descobrir a causa de sua emoção, e entrou na Sé murmurando consigo :

— E' já rendido de amores !

II.

Como outr'ora resavam na missa duas beatinhas bahianas.



Apenas a cadeirinha parou no adro da igreja, as cortinas de damasco verde franjadas abriram-se, e a ponta do escaupim de velludo que escondia um pé de menina pousou de leve na calçada, como a asa de uma gaviota quando roça a flor d'agua no vôo rapido.

Um homem de meia idade e compleição robusta,

que acompanhava a cadeirinha, estendeu o braço para receber a mão afilada e transparente, que apenas tocou o velludo da manga, como si receiasse magoar-se ao contacto da macia pellucia.

Logo assomou o vulto delicado de uma moça vestida com o faceiro e gracioso traje das andaluzas; vasquina de seda azul bastante curta para mostrar a nascente da perna divina, e veo bastante longo para occultar o rosto e seio, deixando apenas ver a côr de leite e a luz de dous olhos, que brilhavam mais que os diamantes do collar.

O cavalheiro que trajava vestes pretas tirou o gorro e corando inclinou-se, quando a moça passava diante d'elle para entrar na igreja. Recebeu em troca um olhar rapido e profundo, dos que vem do intimo e se desprendem, como chispas, d'alma.

— Bem certo é o anexim; que o mal e o bem á face vem; disse Christovão gracejando.

— Nem sempre!

— Segredos são escravos rebeldes, que mais amiude se tornam senhores; por mais fundos que os tragas elles sobem á tona quando mal pensas; si lhes cerras os labios, fallam pelos olhos.

— Aos olhos de um amigo.

— De todos. Mais val não os ter ; e com isso dou-me ás maravilhas.

— Si tivesses de lutar com a fortuna que é inconstante e com os homens que são máos, respondeu o moço gravemente, terias outro fallar, Christovão.

— Digo-te que não.

— Tu vês o mundo como bom e jovial companheiro, de quem não has mister occultar teus sonhos de prazer ; aquelles que tem nelle um inimigo, esses nunca lhe esconderão de mais sua alma.

Nisto, um mancebo que trazia com certo garbo vaidoso as luzidas galas de suas roupas de velludo e seda cramesi, approximou-se e cortejou risonho os dous mancebos.

— Trajaes de negro em dia como este, Senhor Estacio Corrêa ? disse elle com volubilidade.

— Trago luto por meu pae, e por minha mãe ; respondeu o cavalleiro com certo vexame.

— Vae para quatro annos que morreu uma, e o outro deixou-vos no berço. Não cuidei que levasseis a piedade tão longe.

— Desavisado fui, Senhor D. Fernando de Athayde, em não consultar vosso calendario para saber que tempo duraria meu sentimento ; quando vier á es-

tampa vossa pragmática regulari por ella meu traje. Até lá á cada um seu gosto e modo de viver.

Estacio acompanhou o dito com um sorriso de ironia.

— Peza-me que vos enfadasse tão innocente reparo ; não foi mais que simples curiosidade. Ouvi dizer algures que pretendiis abraçar a vida ecclesiastica e entrar na companhia de Jesus, razão porque conjecturei que a gravidade do futuro estado vos obrigava já a trazer vestes sombrias.

Uma faísca scintillou no olhar de Estacio ; pareceu-lhe que a desculpa de Fernando occultava um motejo ; mas a expressão de bonomia que vio no semblante do moço conteve a palavra provocadora que os labios iam soltar.

— Enganou-vos quem tal disse ; respondeu friamente.

— Oh ! Ahi chega D. Elvira de Paiva e sua mae ! Já me não admira ver-vos tão apurado, Senhor D. Christovão d'Avila !

Esta exclamação jovial, partio dos labios de um cavalheiro que se acercara do grupo ; era homem que orçava pelos vinte e cinco annos, de mediana estatura e com certo desplante militar no porte arrogante ; o rosto, cuja alvura primitiva desaparecera

sob os raios do sol tropical que lhe queimara a tez, apresentava phisionomia hespanhola, a que dava realce o bigode retorcido e a pera afilada.

O gibão e as calças de tufos eram amarellas golpeadas sobre veludo preto ; uma capa negra dobrada de seda da mesma côr das roupas cahia-lhe sobre o hombro esquerdo, mostrando no canto as armas de Portugal bordadas a retroz, o que indicava que o cavalheiro pertencia á milicia ; tinha um chapéo de feltro branco, e meias botas de couro alourado com rendas no canhão.

Christovão durante a conversa se distrahiria em seguir com os olhos uma liteira que passava pela frente da Santa Casa da Misericordia : ao ouvir a exclamação voltou-se para o cavalheiro sorrindo :

— Achaeis que mal empregue meu cuidado, senhor alferes ? perguntou o moço com affabilidade.

— Por Deus, que não ! Tão formosa dama não pisou ainda esta terra de gentio. Aposto cincoenta cruzados em um lanço de dados, que não me mostram, nem mais airosa, nem mais prendada.

— Esqueceis vossa irmã, D. José ! retrucou Fernando de Athayde.

— Oh ! Não vos tinha visto, Dom Paladino ! ex-

clamou o alferes rindo ; mas si com isso vos offendi estou prompto a aceitar-vos requesta.

Dizendo estas palavras D. José apertou amistosamente a mão de Fernando; e cortejou com um modo frio e soberbo a Estacio. Este empallidecera ouvindo as ultimas frases e desviou-se do grupo.

Um quinto mancebo, que trajava tambem á milicia, batera familiarmente no hombro do alferes.

— Aceito a aposta, com tanto que sejaes vós mesmo o arbitro, D. José !

— Oh ! Padilha !... Por quem paraes então, amigo ?

— Por uns maganos d'olhos negros que luzem atravez de certa rotula de sobrado na rua da Palma !

— Olhem o taful !...

— Ah ! ah !... Então o nosso alferes tambem adora as sotas de carne e osso ! exclamou Christovão rindo.

— Caluda, senhores ! acodio D. José com um serio comico ; isto por enquanto está em segredo. Não espantemos a caça, que é arisca !

E os mancebos á rir, como se ri nessa idade feliz. A liteira tinha parado ; vinham nella duas se-
nhoras.

Uma teria quarenta annos de idade ; bella ruina

em que o tempo, deixando impressa a sua passagem, respeitára a obra primitiva da natureza. Os cabellos haviam embranquecido, a tez perdera os toques rosados e murchára ao fogo do sangue que a escaldava outr'ora ; o frescor dos traços desaparecera com o sopro ardente dos prazeres ; mas aquelle busto descorado debuxava ainda sob a mascara da velhice prematura as formas de um bello typo da raça hebraica, — Judith ou Magdalena.

A bocca, embora crestada na flor dos labios, dizia quanta paixão e quanto amor devia ter ella desfolhado nas caricias, lascivas, nos sorrisos seductores e nas palavras ardentes, que semeára pelo caminho da vida : o seio branco, como o marmore de um tumulo, frio como elle, servia de urna ás cinzas do coração que outr'ora o fizera arfar com os impetos de desejos irresistiveis ; os olhos, esses brilhavam como nos dias da juventude, e pareciam o clarão da chamma interna que consumira lentamente a seiva daquelle corpo, como o oleo de uma alampada.

Ao seu aspecto, adivinhava-se que essa mulher devia ter amado muito na sua vida, e abandonado ao prazer uma alma ardente e insaciavel. Agora, que a belleza fugira e os sentidos se acalmavam, tinha ella necessidade ainda de algum sentimento

profundo e vehemente que dêsse expansão á actividade da natureza creada para a paixão.

Esse sentimento era a religião ; todas as faculdades que outr'ora o amor absorvera, voltavam-se para a nova preocupação, e se entregavam a ella com igual ardor e affan : a mulher apaixonada e voluptuosa se transformára na devota fanatica ; em face de Deos, como diante dos homens, foi sempre a mesma ; foi o verbo das almas cujo destino na terra se resume em uma só palavra — *amar* —, sublime encarnação do anjo feito mulher.

A moça que a acompanhava era sua imagem ; mas perfumada pela mocidade, illuminada pelos raios da vida que desponta, colorida pelos reflexos do sangue tepido e puro que circula sob a cutis transparente, animada pela doce confiança que naquella idade abre os limpidos horizontes da existencia e solta o vôo a imaginação ávida.

O mesmo fogo da paixão, a mesma voluptuosidade do prazer, que deixára uma sombra das suas erupções no rosto envelhecido da mãe, brilha nos olhos pretos e fulgidos, no sorriso languido e no requebro gracioso da filha ; mas a innocencia e pureza d'alma vendavam ainda essas irradiações com a expressão modesta e ingenua, que as tornava mais perigosas.

D. Luiza de Paiva e sua filha desceram do palanquim, e recebendo as saudações dos cavalheiros que estavam parados no adro, dirigiram-se á capella mór onde já estavam as almofadas de velludo roxo, que então as damas faziam conduzir á igreja por pagens escravos.

Chegada á porta que abria da sacristia para a capella, Elvira lançou um olhar em volta do pavimento já quasi inteiramente occupado pelas damas, e vio a sua almofada collocada no centro ao pé de uma menina que tiuha o véo descido, a mesma que a poucos instantes tanto havia excitado a attenção de Estacio Corrêa.

Immediatamente a moça, roçagando a vasquina curta, deu um passo para tomar o seu lugar.

— Fiquemos alli, disse D. Luiza mostrando o estrado.

— Tenho a minha almofada perto de Inezita; respondeu Elvira voltando-se.

— Bem; não te esqueças !...

— Oh ! não; tenho-a de cór; disse a moça com um sorriso malicioso.

E atravessando por entre as outras damas, foi ajoelhar-se ao lado de Inezita, que embebida na sua oração tinha os olhos baixos e as palpebras descidas.

— Por quem roga a minha santinha com tanta devoção ? perguntou Elvira baixinho.

A menina sobresaltando-se corou atravez do véo ; depois sorrio á sua amiga.

— Vieste tão tarde ! disse ella em tom de queixa.

— E' que não tinha alguem que me esperasse com seu olhar todo melancolico.

— Cala-te ; estão nos olhando ; balbuciou a moça.

— Si nos olhão, menina, é que nos querem ; respondeu a amiga sorrindo.

Estacio e Christovão tinham entrado pouco havia ; collocados junto á grade que divide a capella do corpo da igreja, não perdiam nenhum dos movimentos das duas meninas.

— Tua mãe ?... perguntou Inezita.

— Não a vêes na frente, bem proxima ao altar ? Della não ha susto, continuou a moça gracejando ; em quanto não desfiar a ultima conta do rosario, e não recitar todas as orações do livro dominical, não dá por cousa alguma.

— Pois desce o veo, não te voltes, e podemos conversar em quanto não principia a missa ; pensarão vendo-nos fallar, que dizemos nossas resas.

— Sonsinha que és !... exclamou Elvira com uma

sorriso. Não queres que me volte para não ver onde vão presos esses olhos.

— Vão á Deus.

— A Deus no céo, e a elle na terra.

— Minha tentação, queres socegar ?

— Não me deixeis cahir em tentação !... continuou Elvira com ar de malicia e fingindo que orava.

— Com as palavras sagradas não se brinca !... E' peccado ! disse Inezita seria.

— A quem o dizes ? A mim que sei todas as rezas ! Minha mãe tem tido o cuidado de m'as ensinar ; ainda hoje sabes a penitencia que me deu ? De recitar uma ladainha maior do que a Rua dos Mercadores ?

— E foi isto que te demorou ?

— Não, Inezita ; respondeu a moça perdendo de repente o seu ar faceiro e entristecendo, foi cousa peor... Oh ! muito peor !

— O que ?

— Chorei toda a noite.

— Elle te...

— Elle não, mas por causa delle. Minha mãe não quer ir hoje á festa.

Inezita teve um triste sobresalto, e emmudeceu buscando no espirito um meio de amparar a amiga :

— Si pedir-lhe eu ?

— E' escusado ; quando lhe mettem alguma coisa de religião na cabeça, não ha volta ; disseram-lhe que não está bem á uma dama devota ver folguedos do mundo.

— E tu perdes tão lindas cousas ?

— Hão de estar galantes as corridas, não é verdade ? Depois me contarás ?

— Sem faltar nada. Mas ninguem dirá, ao ver-te tão prasenteira, que hajas chorado toda a noite.

— Que queres ? Quando cheguei esqueci tudo, para só me lembrar que estava perto de ti.

— De ti !... disse Inezita inclinando imperceptivelmente a cabeça para o lado da grade, sem com-tudo erguer os olhos.

Elvira reparou no movimento da amiga e quiz tirar sua desforra.

— Bem sei, respondeu ella travessamente, que estar perto de uma é estar perto do outro ; a sombra acompanha o corpo.

— Vamos resar, menina ; acodio Inezita meio enfadada.

— Vamos. Sabes tu as *obras de misericordia* ?

— Que pergunta !

— Não as sabes, não ; porque ellas mandam con-

solar os afflictos ; e ali está uma alma penando por tua causa, a espera de um só olhar teu.

Inezita, corou, inclinando ainda mais a frente ; porém os cilios de seda, que roçavam as faces se ergueram e cerraram logo, deixando côar um olhar doce e avelludado, que foi tremulando embeber-se no rosto de Estacio.

— Agora sim cumpriste tua devoção !

— Elvira !... Cuidas que tambem eu não reparo no que fazes ?

As duas meninas continuaram o allegre colloquio, cujo matiz gracioso não se pôde desenhar ; porque ha gestos feiticeiros e inflexões harmoniosas, que só os labios e a gentileza de uma mulher sabem dar ás palavras mais simples.

Naquelle tempo, como hoje, como sempre, duas moças amigas que se encontravam, tinham tanto que dizer entre si e estavam tão cheias de segredos e confidencias, que o labio rosado não emmudecia, emquanto não destillava todo mel que havia nos favos delicados do coração, toda fragrancia que respiravam as rosas d'alma em botão.

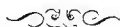
A mulher é sempre mulher ; mudam os uzos, as modas, os costumes e as linguas ; mudam os tempos e com elles nós os homens ; porém o anjo fragil e

delicado que Deus prendeu á terra é a phenix moral, que renovando-se em todos os seculos e em todas as éras, remoça a humanidade, e a purifica.

Assim, quem ouvisse aquellas duas beatinhas dos começos do seculo desesete, conversando tão travessa e profanamente sob a apparencia do mais profundo recolhimento, esquecendo o traje e o lugar, julgaria escutar as fallas de duas moças dos nossos dias, trocando no seu jardim as confidencias de uma vespera de baile.

D. Luiza ás vezes lançava á filha uma vista rapida e severa, que retirava satisfeita para fital-a de novo no resplendor das imagens ; de facto Elvira e Inezita com o veo baixo, as mãos crusadas, as fronte inclinadas e os labios a moverem frouxamente, tinham um tal ar de compunção, que ninguém suspeitaria o mais leve peccadilho sob aquelle beatico recolhimento.

Entretanto ellas ainda fallavão de mil cousas ; não tinham dito nem metade da mutua confissão.



III.

Onde mestre Bartolomeu revella seus dotes para a solfa cantada.



A igreja estava apinhada.

A nave sepultada em meia obscuridade servia de moldura ao retabulo da capella, a qual scintillava com a luz dos cirios e os reflexos metalicos das alfaias e galas que cobriam os altares.

No centro da esphera luminosa, nublada pela fumaça do incenso, que exhalava da caçoula de prata

lentamente embalçada pelo turiferario, destacava a cruz negra do martyrio, de onde a imagem do Christo dominava a multidão curvadã e respeitosa.

Eram sete horas e meia quando soaram os atabales do terço postado no largo.

Chegava o governador D. Diogo de Menezes, conduzido debaixo de pallio pelos juizes e vereadores do conselho, e acompanhado por D. Diogo de Campos, sargento-mór do estado do Brasil, pelo alcaide mór da Bahia Alvaro de Carvalho, provedor da fazenda o desembargador Balthazar Ferraz, ouvidor, escrivão dos contos e mais gente do serviço de El-rei.

O cabido sahio fóra a recebe-lo com as etiquetas do formulario, e o conduzio ao setial collocado do lado do evangelho; no mesmo plano estava o assento forrado de damasco branco dos officiaes da camara; vinhã depois o ouvidor, alcaide, provedor e os outros ministros.

Do outro lado via-se a poltrona episcopal, vaga pela ausencia de D. Constantino Barradas, que se achava de visita na capitania de Pernambuco; seguiam-se as dignidades da Sé, e o côro dos conegos; no fim havia um banco de velludo roxo que devia ser occupado pelo provincial dos jesuitas á direita do dom abbade de S. Bento, e do custodio dos franciscanos.

D. Diogo de Menezes era um verdadeiro fidalgo no porte senhoril como no character egregio : achava-se então no vigor da idade, no periodo de transicção dos quarenta para os cincoenta annos, em que então os homens daquella tempera chegavam ao perfeito desenvolvimento de sua organisação, e adquiriam a robusta virilidade, que illustrou a historia de tantos feitos brilhantes.

O grave parecer esclarecido por um espirito superior era o documento do passado honroso, e o prenuncio da carreira illustre que ainda tinha á percorrer : a severidade não excluia a affabilidade das maneiras e a polidez do trato, que caracterisavam o fino cavalheiro.

Homem de governo, escravo do dever, para quem a lei era religião, e a honra culto ; conhecia-se comtudo que elle comprehendia , e talvez mesmo sentisse ainda, o enthusiasmo heroico e cavalheresco, que illuminára as lendas e os rimances da media idade, e já então apenas lançava os frouxos clarões da luz que bruxulea ao extinguir-se.

Apenas o governador, fazendo uma cortezia geral, sentou-se na cadeira alcatifada, ouvio-se o temperado de garganta sonoro e classico do mestre de capella, que do alto de seu throno regia a orchestra :

quasi immediatamente a larga tira de papel pautado, tangida pelo braço robusto, assentou no respaldo da grade do côro a palmada estridente e symbolica.

Era o signal para começar a missa cantada ; primeira pancada de compasso que abria o solfejo de velho infolio collocado sobre uma estante.

O mestre de capella, cheio de sua importancia, meneava aquella tira de papel pautada com a galhardia de um general brandindo a espada victoriosa em frente á seu exercito no momento da batalha.

Os meninos do côro tomaram seu lugar : uma exigua figura, coberta de longa capa de raxa preta, sahiu do esvão da torre, e dirigio-se lenta e compassadamente para o teclado do orgão, sobre o qual estava aberto um g'rosso alfarrabio das solfas do P.^o Manoel Mendes.

A cor livida, os olhos profundos e cingidos de uma orla de bistre, as faces encovadas, davam áquelle semblante um aspecto triste e lugubre ; os cabellos grisalhos e revoltos cahiam sobre a testa vasta e proeminente ; o habito do estudo lhe acurvára o corpo emmagrecido, diminuindo apparentemente a estatura rachitica, que pouco excedia de cinco palmos craveiros.

Tal era o licenciado Vaz Caminha, o mais sabio

letrado da cidade do Salvador, que apesar de suas elocubrações forenses e da gravidade do officio, fazia ao mestre de capella a mercê de tocar orgão na Sé, por occasião de grandes festividades, mediante a esportula de um tostão em prata e o jantar na mesa do senhor bispo, quando este se achava na Bahia.

O discipulo de Bartholo e Scoto endireitou a tripeça, sentou-se traçando as perninhas em forma de cruz grega, e apoiando o queixo sobre o polegar da mão esquerda, sestro que lhe era familiar, esperou o segundo signal. •

— Sua senhoria acaba de chegar, disse o mestre de capella. Podemos dar começo, si vos praz, senhor licenciado.

— Por mim não se espere, mestre Bartolomeu.

— Attenção ! exclamou o chefe da orchestra, voltando-se para os meninos do coro. Atacai o *ut* com presteza, *subitò*, compasso quaternario.

E erguendo a braço herculeo, e volvendo uma ultima vista em torno, assentou com o rolo de musica um segundo estalo, que foi o preludio da mais tremenda algazarra jamais ouvida em templo christão.

Os gritos agudos e esganiçados dos meninos do coro, impellidos com toda a força dos pulmões,

feriam o ouvido com o estridulo metalico do canto da uiraponga ; no meio do alarido troava, mugia, a voz de baixo profundo do mestre Bartolomeu, que com uma só nota enchia o vasto ambito da cathedral.

O monstruoso concerto durou cinco minutos em formidavel *crescendò* ; baixando á final de tono em tono, reboando pelas altas abobadas, expirou como o trovão que rebenta ao longe pelas nuvens, ou o oceano encapellado quando geme sob a refega do vento.

No entanto o licenciado Pero de Campos, deão, que officava na ausencia do bispo, revestido dos guisamentos sacerdotaes, subia ao altar acompanhado dos dous acolitos ; e o cantochão desafinado dos conegos respondeu dignamente ao desafio musical da orchestra.

O mestre da capella, a guisa de alguns cantores modernos desempenhava ao mesmo tempo dous papeis, o de baixo e o de contralto ; cerrando pois as largas queixadas expellio pelo nariz uma voz de tiple, fanhosa e esguichada, que metteria inveja ao mais alentado ennucho da Capella Sextina ; era um *allegro* predileto do grande solfista.

Assim, apenas terminou, ainda com as bochechas insufladas e o suor a correr-lhe pela touda, voltou-se

para Vaz Caminha, que feria as teclas com a mesma gravidade que teria, si estivesse consultando um texto do *Corpus juris* ou arrasoando um agravo para a Casa da Supplicação.

— Que dizeis deste solo, Senhor licenciado? E' solfa deste vosso servo.

— *Optimè!* respondeu o lettrado cortezmente.

Era a vigessima vez que o bom do Bartolomeu cantava aquelle trecho e terminava pela pergunta referida, á qual o advogado com a regularidade dos homens sisudos e pensadores respondia pelo mesmo adverbio.

A' ponto que isto passava no coro, e a missa cantada proseguia, muitos sentimentos diversos e bem extranhos á cerimonia sagrada agitavam os actores principaes da scena.

D. Diogo de Menezes vendo a cadeira do provincial dos jezuitas vaga, sorriera de um modo significativo; comprehendera que a ausencia não motivada, no dia em que celebravam a sua chegada, era um primeiro manifesto de guerra que lhe lançavam os alliados do bispo D. Constantiuo.

Embora fosse toda mental e intima a reflexão, o fidalgo ergueu a cabeça com expressão de energia como si acceitasse o desafio e se preparasse para a

luta ; depois lembrando-se onde estava, inclinou diante de Deus a fronte que trazia sempre alta em face dos homens .

Mais longe, as duas meninas, logo que começara o sacrificio, haviam cessado a conversa e emmudecido no santo respeito que lhes inspirava o sublime misterio da religião christã ; mas o espirito de Elvira, rebelde e tenaz, voltava á suas preoccupações, apesar de todos os esforços que ella fazia para afasta-lo de taes idéas, e traze-lo á oração, que os labios balbuciavam authomaticamente .

A donzella lembrava as festas que deviam ter logar á tarde, festas que a haviam feito sonhar tantas horas, e iam passar emfim sem que as gozasse ; sua fantasia revoava por todas aquellas imagens brilhantes, e esquecia a realidade para viver ainda alguns instantes de esperança ; mas a illusão desvanecia-se breve, e tornava ainda mais pungente a decepção .

A's vezes em sua colera infantil, a innocente fazia protestos de querer mal á sua mãe por causa da crueldade com que a condemnava á solidão no momento em que todos haviam folgar e rir ; eram impetos passageiros, como as faúlhas que saltam das chammas e se apagam no ar .

Por fim acabava, pèdindo á Virgem perdão para o máo pensamento que tivera ; e resignada á sua desventura, enfiava por entre o veo um olhar longo e apaixonado, que penetrava até o coração de Christovão, e voltava de lá mais sereno e consolado.

Inezita, essa estava inteiramente absorvida pela oração ; o espirito de Deus a dominava ; e só de espaço em espaço, nos momentos em que a alma sahindo da meditação lembra-se que tem um corpo, a timida menina sentia-se viver pela recordação do lugar onde estava e da proximidade de Estacio ; então sem ver, advinhava que o olhar do moço a envolvia em um raio de amor, e estremecia com a sensação de gozo inexprimivel.

Mas o que ella não podia advinhar era a angustia que confrangia a alma do moço, ajoelhado junto á grade e tão pallido, que o oval de seu rosto illuminado por uma restea de sol, destacava entre as roupas negras como um relevo de alabastro em medalha de ebano.

Estacio descobrira a alguns passos D. Fernando de Athayde, que não tirava os olhos da menina ; tanto bastou para que uma suspeita cruel entrasse em sua alma ; lembrou-se que talvez o olhar de Inezita fosse dirigido a seu rival, e desejou até que

ella não erguesse mais a vista, nem se voltasse de seu lado.

O moço era pobre e modesto ; aquelles que como elle amaram um dia, comprehenderão o martyrio que sentio pensando que D. Fernando de Athayde nobre e rico podia depor aos pés de sua amada um bello nome e soberbas prendas, em quanto que elle apenas tinha um coração leal a offerecer.

A dama desconhecida e velada não tirava os olhos de Estacio, senão para volve-los a Inezita. Por vezes inclinara-se para a gorduxa de sua companheira como si lhe quizesse fallar e disfarçava ; até qua afinal a palavra retida escapou-lhe dos labios :

— Sabeis, Brasia, quem seja aquelle cavalleiro que agora ajoelha perto á gradê, bem em frente á nós?...

— Vejo dois, D. Marina, tão gentil um como outro ! De qual fallaes ?

— Do que traja negro.

— Não sei, não, dona ; mas não faltará quem o saiba.

— Pois indague, e onde mora.

A velha estabeleceu logo um cochico que percorreu toda a longa fila de beatas estendida pela nave da cathedral.

A festa proseguia, o coro e o cantochão continuavam alternando, quando foi ouvido na porta da igreja um ligeiro rumor causado por muitas pessoas, que voltavam o rosto para ver alguma couza que estava passando fóra.

O objecto que tanto excitava a curiosidade, á ponto de distrahir assim a attenção do officio divino, era um navio de alto porte que encoberto pelas sombras da noite se avizinvara de terra, e aos raios do sol nascente apparecia á entrada do porto com as velas enfunadas pela fresca viração da manhã.

D. Diogo acenou ao capitão de sua guarda :

— Manoel de Mello, inquiri da rasão deste rumor! disse-lhe á puridade.

Nesse tempo ainda não se tinha desmoronado o taboleiro que ficava em frente da Sé, á pique da montanha, com uma vista soberba para o mar ; por isso daquella posição distinguia-se já perfeitamente o navio que velejava demandando o porto, e o casco, e a mastreação, e a bandeira hespanhola a fluctuar na popa. A não escassear o vento era natural que em menos de duas horas estivesse fundeado.

A noticia transmittio-se rapidamente. Ha uma especie de corrente electrica nas grandes massas de povo ; dous minutos depois de ouvir-se o ru-

mor na porta da igreja ninguém já ignorava a grande nova.

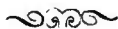
— E' uma fragata hespanhola, ao que parece procedente do reino, que entra a barra ; informou ao governador o capitão da guarda.

Este facto que hoje não tem muita importancia pela sua frequencia, naquelle tempo de raras e difficis communicações entre o Brasil e a metropole, era um acontecimento do maior interesse. Para os governadores e empregados no serviço real queria dizer a solução de altas questões da administração do novo estado ; para o povo exprimia talvez o defferimento aos pedidos das camaras sobre reducção de impostos, extincção dos estancos e servidão dos indios ; para os mercadores de grosso trato significava o recebimento de cabedaes ou de generos de trafego ; para os particulares era o provimento da mercê que haviam requerido, ou a reforma da sentença de que tinham aggravado : para as mulheres, além da parte que tomavam no que dizia respeito á seus pais, irmãos e maridos, havia a curiosidade, sentimento poderoso em todas as filhas de Eva.

Já se vê pois, que desde o governador D. Diogo de Menezes até a ultima das beatas escondida em algum canto, todas as pessoas que se achavam na

igreja desejaram intimamente ver acabada a missa ; os conegos acordando psalmeavam o cantochão como si cantassem um solaio ; o licenciado apressara o compasso ; o deão saltara por engano uma pagina do missal ; as velhas correram duas contas por cada padre-nosso.

No meio da geral preocupação só ficaram extranhos, Elvira e Inezita que continuavam as suas orações ; Christovão, Estacio e Fernando, para os quaes o mundo se resumia nas duas meninas ; D. Luiza de Paiva, immovel em seu extasis religioso : finalmente o mestre da capella, que apesar dos conegos, do salto da pagina, do toque do orgão, apesar de tudo, solfejava um andante com imperturbavel sangue frio, sem engolir uma nota ou falhar uma pausa.



IV.

No qual vem á lume um papel velho.



A cerimonia religiosa terminou por volta de nove horas.

Em pouco tempo a multidão deixou a igreja quasi solitaria e foi apinhar-se á beira do terreiro, para ver a fragata que distava do porto cerca de um tiro de canhão.

Elvira e sua amiga dirigiram-se a pia de marmore

branco collocada á porta, como de costume; a alguma distancia seguiam D. Luiza de Paiva conversando com o pai de Inezita. Era este, D. Francisco de Agui- lar, nobre castelhano, senhor do engenho de *Paripe*, homem principal, como se dizia naquelle tempo.

Alto, robusto, ainda verde e bem conservado D. Francisco era o verdadeiro typo do *hidalgo* anda- luz. Orgulhoso de seu sangue, de sua patria e de seus cabedaes, altivo no trato dos que julgava infe- riores, seco nas maneiras, tinha comtudo a verda- deira nobreza, que a educação e habito podem apurar, mas não é o privilegio dos brazões, pois a dá o coração: sabia ser grande e generoso quando os prejuizos de fidalguia não se oppunham aos impulsos de sua alma.

Elvira e Inezita apressando o passo chegaram á pia, onde os dois amigos já as esperavam; mas D. Fernando approximara-se no mesmo momento, e tomando agua na palma offereceu-a cortezmente ás duas meninas.

Inezita hesitou; timida como era, não teve animo de recusar: embebendo a pontinha dos dedos alvos e delicados ia leval-os á frente, quando vio o olhar de Estacio; a pobre menina estremeceu e sem saber o que fazia, deixou cahir o braço desfallecido.

Quanto a Elvira, mais animosa, voltou-se para Christovão. O cavalleiro encorajando-se com esse movimento adiantou-se, e apresentou-lhe a mão onde brincavam algumas gottas d'agua ; depois de benzer-se, a menina humedeceu de novo os dedos e com um movimento rapido lançou de longe um borrifo d'agua na frente do mancebo.

— Para que sejaes esta tarde bem feliz, disse ella enrubecendo.

— Basta que desejeis para que o seja : respondeu o mancebo não se contendo de alegria e felicidade. Que o vosso olhar me acompanhe...

— O olhar, não, que é impossivel ; o pensamento, sim ; respondeu Elvira com uma expressão melancolica.

— Porque ? Lá não estareis ? perguntou o moço em sobresalto.

— Não ; minha mãe....

A aproximação de D. Luisa e Aguilar cortou a conversa ; as duas meninas sahiram da igreja, Elvira satisfeita porque ao menos cónsolara Christovão de sua ausencia ; Inezita zangada contra ella mesma porque não tivera coragem de recuzar o offercimento de Fernando, e contra Estacio, por que depois do seu movimento em vez de apresentar-lhe a mão

se voltara triste e desapparecera ; de modo que ella foi obrigada para banzer-se a molhar os dedos na pia.

Quanto a Athâyde, como todos os homens que tem plena confiança em sua riqueza, não percebera nem a indecisão da menina e o movimento que produzio o olhar de Estacio, nem o disfarce com que Inezita molhara de novo os dedos na pia. Radiante sob o gibão de veludo cramesi acompanhou o fidalgo castelhano.

No adro e por occasião de despedir-se, Inezita voltou-se para D. Francisco :

— Meu pai, instae com D. Luiza para que leve esta tarde Elvira ás festas do Terreiro do Collegio.

— Vosso pedido tem mais valia do que o meu ; mas si o qnereis...

— Impossivel, Senhor D. Francisco. Fiz voto de não assistir a festas profanas ; e quebrar um voto, disse-me o padre Luiz Figueira, é incorrer em ex-communhão *latæ sententiæ*.

O castelhano, ouvindo o texto, voltou-se para trocar um sorriso com Fernando.

— Mas, acudio Inezita, Elvira que não fez voto podia ir comigo !

— Não lhe está bem, menina, apparecer em lugares de folia sem sua mãe. E' prova de descomedimento, que não assenta em donzella recatada.

O tom severo destas palavras, mais de reprehensão que de resposta, desconcertou Inezita, que não soube o que replicar : despedio-se de sua amiga, e entrou na cadeirinha lançando um olhar a furto em busca de Estacio.

Este depois que desaparecera, tomando pelo corredor lateral, encostara-se á portada de onde observára toda a scena anterior, e seguira com os olhos a cadeirinha, eujas cortinas ao longe lhe pareciam entreabertas por uma mãozinha mimosa.

Era o tempo que o palanquim de D. Luisa sumia-se tambem, e Christovão sahia da igreja. Estacio foi-lhe ao encontro.

— Julgava-te longe : disse Christovão ; vi-te sahir pouco ha.

— Mas não tive a força de ir-me, embora fosse o melhor ; respondeu o moço com um sorriso triste.

— Que te aconteceu ?

— Nada. Dize-me ; tens desejo de primar esta tarde sobre todos, para merecer o olhar della, não é verdade ?

— Acertastes, menos em um ponto, Estacio : desejo vencer nos torneios e jogos porque ella lá não estará, e assim farei que não tenham outras, o que só merece a mais bella.

— E contas ganhar todos os preços ? perguntou Estacio com intenção.

— Todos os que não quizeres para ti.

— Porque não os outros ?

— Porque nem quero medir-me contigo, nem que o quizesse, o poderia com vantagem.

— Não digas tal !

— Não o diria a outro, ainda que sentisse a sua espada na gorja ; digo-o a ti com a mão no coração.

— Pois ouve, acodio Estacio ; tambem á mim repugna-me roubar um premio que te póde pertencer ; toma-os todos, mas cede-me uma só cousa.

— Qual, Estacio ?

— Cede-me teu lugar na primeira corrida ?

— Meu lugar !... Mas diriam que tive medo !

— Não receis tel ; a confusão da partida impedira ver ; demais não lucras na troca. D. José de Aguilár é dos mais aguerridos campeões que entrarão em liça.

— Ah ! comprehendo ; não te queres bater com o irmão de D. Ignez !

— E' um dos motivos ; o outro saberás depois.

— Pois está dito : mas por isso não te deixes vencer por minha cansa. Lembra-te que tambem te olham. Adeus ; vou-me com pressa.

— Em pouco irei ter contigo.

Os dous moços apertaram as mãos ; e separaram-se tomando direcção opposta.

Terna e sincera amisade os ligava. O modo singular porque nascera essa affeição annunciou de logo a tempera daquellas duas almas, ainda não batidas na incude do mundo.

Costumavam os filhos das principaes familias, quando por tarde sahiam a passeio acompanhados de seus aios, se reunirem na Praça do Governador onde estava assentada uma bateria á pique da Ribeira. Ahi se entretinham em galhofas e folguedos proprios da infancia.

Uma vez acertou Estacio de passar por ali tornando da casa de Vaz Caminha, onde tinha escola de pueris. Um gibão rapado, de mangas tão justas que o crucificavam, barete que de machucado já tinha virado carapuça, e calções com remendos, davam ao rapazinho um aspecto realmente grotesco. Os meninos o receberam com tremenda algazarra que o acompanhou até sumir-se do lado opposto.

Percebendo que a mofa era com elle, Estacio parou, e voltou face aos rapazes, afrontando-os com o olhar e gesto. Desde então o discipulo e afilhado de Vaz Caminha teve para si, que fôra cobardia escolher outro caminho. Todas as tardes ali passava,

embora para isso fizesse uma volta. Os meninos o atropellavam como da primeira vez com vaías e apupos. Elle passava impavido e calmo, empertigando-se em sua pobreza e desaffiando-os á todos.

Christovão que era da roda, soube afinal quem fosse o tal rapazito; e uma tarde quando elle passava, deixou muito zangado os companheiros e botou-se de carreira ao filho de Roberio Dias.

Esperou-o a pé firme Estacio, julgando que o outro vinha brigar. Deitando ao chão um masso de quadernos, arregaçou as mangas.

— Não venho para brigarmos, senão para nos conhecermos, pois somos parentes ! disse Christovão sorrindo e com um modo affavel.

Passada a primeira surpresa de ver aquella falla e modo em um menino tão bem trajado e que parecia de familia rica e principal, o escholar respondeu altivo :

- Não tenho parentes, mais que uma tia !
- Pois não sois filho de Roberio Dias ?
- Que vos importa isso ?...
- Eu sou filho de Garcia de Avila !
- Não vos conheço !...
- Que val, si temos o mesmo sangue ! Perguntae a vossa tia.

— E' escusado l... Sei eu que não tenho parentesco com gente de vossa quáidade ; sou pobre l...

Dizendo essa palavra com orgulhosa arrogancia, o escholar foi seu caminho sem mais palavras. Nôs dias seguintes, por espaço de duas semanas, todas as tardes Christovão fazia parar Estacio para convince-lo do seu mutuo parentesco, e á todas as instancias respondia aquelle com uma orgulhosa esquivança. Mal se enganava Christovão. Seu terceiro avô, Garcia de Avila, tambem terceiro de nome, tivera uma filha natural, Izabel Garcia, casada em segundas nupcias com Diogo Dias, neto do Caramurú e segundo avô de Estacio ; donde vinha entrelaçamento de affinidade entre as duas familias.

Uma tarde, Christovão perdeu a paciencia, e disse para Estacio :

— Ou me reconheceis por vosso parente ou brigo comvosco.

— Briguemos ; é melhor.

Atracaram-se ali mesmo ; mas o aio de Christovão correu a separa-los, e o fez maltratando Estacio. O menino afastou-se indignado.

— Eu te castigarei, maroto !

Christovão irado arrancou a vergasta que o aio trazia e com ella o fustigou. No dia seguinte muito

cedo esperava por Estacio á porta de Vaz Caminha para lhe communicar que o creado fôra expulso de seu serviço e de sua casa. Desde essa manhã ficaram camaradas; os annos vieram faze-los amigos e afinal irmãos.

Tornemos á Sé.

Estacio, seguiu para as bandas de Santo Antonio. A' alguns passos encontrou Vaz Caminha, que atravessava gravemente o largo com a cabeça baixa, e entregue á funda meditação.

Logo que terminára a missa, o licenciado recebera do mestre de capella a competente moeda de prata; mergulhando-a na comprida bolsa presa ao ilhoz do calção, esgueirou-se pela escandinha do çôro, e foi acompanhando a chusma de curiosos ver o navio que entrava na barra.

Depois de alguns minutos de observação, conhecendo que em menos de uma hora não se poderia haver noticia do reino, resolveu ir confortar o estomago, e nesta intenção louvavel dirigia-se ao modesto tugurio, quando foi encontrado por Estacio.

— Bom dia, mestre; disse o moço quando o velho passava. Tão embebido ides em vossas reflexões, que não vedes os amigos?

O licenciado ergueu a cabeça de chofre, e os olhos pequeninos pestanejaram com vivacidade jovial :

— Bem apparecido, pequeno ! Ha bons quatro dias que não vos ponho olhos. Bem diz o ditado : « que para os moços são as festas e para os velhos as crestas. »

— Me levaeis á mal, que tome parte nos brincos e jogos de cavalleiros ?

— Ao contrario, filho. Lograe a vossa mocidade, que perto vem o tempo dos cuidados ; e bem aziago é quando não se tem nos máos dias uma boa lembrança para consolar o espirito.

— Acho-vos hoje mais triste que do costume, mestre ; alguma cousa vos amofina ?

— E' proprio da velhice ; quando a idade é muita e a saude pouca, sobram os enfados e mingoam as esperanças. Mas não semeemos flores em cinzas, que não brotam ; dizei-me antes si estaeis contente e satisfeito, si contaes que ninguem vos dispute hoje na galhardia e boas manhas ?

— Farei o que em mim estiver ; e ajudando Deos, espero dar-vos algum prazer.

— E as roupas estão ao vosso agrado ? Ajustam-vos bem ? São de fino estofa ? perguntou o velho com terna sollicitude.

— Ricas não podem ser, bem o sabeis ; mas também não desmerecem em um cavalleiro : talhou-as o melhor algibebe da cidade, mestre Cosme .

— Ainda bem ; dais-me com isso mais gosto do que pensaes ; porem acrescentou o licenciado fitando o olhar no semblante do moço, alguma coisa ainda vos resta para me dizer ?

— O que, mestre ?

— Aquellas galas devem ter sido bem apreçadas, e do pouco que possuo sempre ha para vos não deixar á mercê de fanqueiros e algibebes .

Estacio apertou com effusão a mão seca e mirrada do velho, cuja offerta tão delicada como generosa lhe tocára no coração .

— Obrigado, mestre ; lembrastes que de feito me faltava referir-vos alguma coisa, que esta manhã tinha em mente, e passou me na missa ; mas não é o que pensais . Graças á minha mãe que me deixou um saquitel com algumas dobras, poucas é verdade, pude enroupar-me ; sem isso não o faria , pobre como sou gasto do meu, não uzo do alheio . São vossas lições .

— Que bem aproveitaram ; mas uão é alheio, filho, o que pertence áquelles que nos amam ; por

que esse está como deposito em outras mãos, e para ser nosso basta quereremos.

— Outra vez obrigado, mestre ; felizmente não careço despir-vos do vosso necessario para satisfazer fantasias de rapaz.

— Assim não haveis precisão de nada ?

— De vossos conselhos, muita ; e tanto que, si me daes licença, vou recorrer a elles.

— E' verdade ; o caso que tinheis em mente ?

— Delle mesmo é que vos quero fallar.

— Estamos á soleira, melhor é entrarmos.

— Como vos parecer.

Conversando, Estacio e Vaz Caminha tinham tomado por detraz da Sé ; seguindo por uma rua estreita e solitaria, quebraram em um beco apenas guaruecido por algumas habitações, que se destacavam á espaços entre as linhas de cercas cobertas de melão de S. Caetano.

O beco descia em ladeira, e formava no centro uma especie de valla por onde corriam as aguas da chuva ; junto das cercas serpejavam dois trilhos que serviam de caminho, e iam dar á entrada das casas, para as quaes se subia por alguns degrãos feitos de tijolo. Um monturo, que servia de despejo ás casi-

nhas da visinhança, ardia lentamente fazendo grande fumaceira.

A casa do licenciado era a segunda ; pouca differença tinha das outras. Baixa, com duas gelozias e uma porta, paredes caiadas de branco e beiradas sahidas, o edificio dava uma verdadeira idéa da architectura do tempo. Ao lado esquerdo via-se o quintal coberto de mamona e beldros, com touças de bananeiras ; encostado ao oitão o galinheiro, e uma especie de horto onde cresciam alguns pés de arruda, hortelã, mangericão e perpetuas.

Uma velhinha com saia de ganga amarella e manta escura de rebuço, que lhe cobria a cabeça como um capuz de freira, de volta da missa entrara no poleiro, e fizera uma revolução ; as frangas cacarejavam, os gallos batiam as azas, os pintos pipilavam ; quando felizmente para o povo galinaceo o licenciado chegou á casa.

Apesar de serem nove horas do dia, a porta exterior estava feixada, como se uzava então, que não se tinha inventado a policia, e cada um era obrigado a velar na segurança do individuo ; Vaz Caminha chegou ao canto da casa, e erguendo-se nas pontas dos pés para ver por sobre a cerca do quintal, chamou a caseira.

— Encheria ! Abrace, filha !

A velhinha correu tanto quanto o permittiam suas pernas curtas e tropegas ; decorrido um momento o licenciado entrava em seu cartorio acompanhado de Estacio.

Duas altas estantes de livros, um telonio cheio de autos e papeis, um bofete e alguns tamboretos rasos eram os moveis que ornavam o gabinete, onde a luz filtrava amortecida pelos vidros das janellas, cobertas da mesma poeira classica que jazia sobre os grandes alfarrabios, e das veneraveis teias de aranha suspensas do tecto.

— Vossa collação ahi está sobre o bufete, senhor licenciado. Si não precisaes de mim vou-me aos pintainhos, que estão morrendo do mal triste.

— Ide, filha ; eu cá me aviarei.

— Jesus ! exclamou a cascadeira voltando á correr com as mãos na cabeça.

— Heim !... Já pela manhã vos começam a apparecer as almas do outro mundo ? disse Vaz Caminha para a velha.

— Que Deos, Nosso Senhor, nos livre e guarde ! Ai ! só de fallar já estou tremendo, minha Virgem Santissima ! Mas vai, senhor licenciado, que por um triz não me escorrega ainda hoje de vos dizer!...

E tres dias ha que o trago mesmo aqui na ponta da lingua ! Quando digo que estou já com esta cabeça varrida, não querem acreditar ! Pois é assim !

— No fim das contas, o que ha, Eucheria ? Dizei-o de uma feita.

— E' vosso vinho, que está por um dedal. Daquelles dous odres que se encheram pela Assumpção, um encarquilhou que nem, com o devido respeito, o roquete do senhor deão : o outro que ahi tendes, bem escorripichado, muito dará, si der um meio pichel.

— Bem, filha : havemos de prover ao necessario. Ide com Deus.

Vaz Caminha tirou o barrete, e arrastou dous mochos para junto do bufete, onde havia sobre o mantem de algodão grosso, porem de alvura deslumbrante, uma escudela com tres ovos escalfados, uma cestinha com bananas passadas, uma regueifa de pão e um pichel de estanho polido como prata.

— Sentai-vos, pequeno, e refazei com o que ha ; não chega para regalo, mas basta para quebrar o jejum.

— Não tenho fome, mestre ; almoçai vós, eu esperarei.

— Porque ?... Os ouvidos nada tem com o esto-

mago ; si quereis, fallai, que vos presto attenção, e si não, fazei como vos aprouver.

Durante isto, o licenciado sentava ao bufete arregaçando as mangas, escorria no cangirão o resto de vinho do odre pendurado por detraz de uma das estantes, e começava seu parco almoço. Estacio de pé encostado ao telonio deixava que elle satisfizesse o apetite para começar.

— Então ? disse Vaz Caminha erguendo os olhos.

— Não é cousa de grande monta, replicou Estacio. Hontem pedi á tia o cofre que me deixou minha mãe quando falleceu, para tirar algumas dobras guardadas n'uma bolsa, e deparou-me o acaso com um papel do qual nunca tive noticia. Talvez me possaes explicar o sentido.

— De qual papel fallaes ?

— De uma carta escripta a minha mãe ha cerca de quatro annos. Por signal que ainda se achava sellada ; disse o moço tirando do seio do gibão um papel dobrado e já amarelento.

— Lêde essa carta.

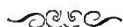
Estacio desdobrou o papel e leu :

« A' D. Clara Dias Correia.

Senhora.

Pára em minhas mãos um papel de mór valia que pertenceu a vosso fallecido marido Roberio Dias ; como seja demais precioso para sujeita-lo a perda na remessa, mandareis have-lo por pessoa de confiança.—Em S. Sebastião, aos 28 de Setembro de 1604.—D. Diogo de Mariz. »

Vaz Caminha perturbou-se de tal maneira ao ouvir as primeiras palavras, que levou a naca de pão ao nariz, e ficou de boca aberta sem poder proferir uma palavra.



V.

Quem era o licenciado Vaz Caminha, alias doutor de capello.



Vaz Caminha era natural da villa de Arrayollos, em Portugal, e descendente de uma familia de aldeãos, para quem o mundo não existia além do estreito horisonte em que se debuchava o campanario da igreja parochial.

O futuro legista estava pois condemnado á vegetar nos labores campestres, si a natureza desherdando-o

da robustez e vigor proverbial na familia, não o houvesse predestinado para uma vida espiritual e meditativa : nascera de sete mezes e mostrára desde logo que pouco desenvolvimento teria sua organização acanhada.

Os pais sentiam um profundo anjo de ver aquelle menino rachitico e debil, que tiritando de frio e encolhido á um canto, acompanhava com a vista, nas longas tardes de inverno, os brincos de dois rapagões fortes e rosados á saltarem no eirado da granja.

A mãe especialmente tinha tomado tal desgosto á esse fructo immaturo de suas entranhas, que á não ser a solicitude de uma irmã, o menino não teria de certo sobrevivido á indifferença e abandono em que ella o deixava : mas a Providencia parece collocar sempre ao lado das creaturas fracas e desamparadas um coração que as proteja e abrigue ; é a folha para a larva do insecto.

Felizmente um monge do convento dos Loios tomou o menino sob sua protecção, e depois de o haver feito aprender as puerís e grammaticaes, mandou-o ouvir na Universidade de Coimbra as aulas maiores de degredos ; porém o moço estudante preferio dedicar-se á jurisprudencia, e seu protector attendendo ás boas disposições que mostrava não o contrariou.

Vaz Caminha cursou todas as cadeiras, das quaes fez exame privado. Deffendendo successivamente as conclusões magnas exigidas pelo Estatuto da Universidade, tomou um após outro os grãos que então havia de bacharel, mestre, licenciado e doutor ; e ganhou na sabia congregação de Coimbra a fama de um dos mais profundos romanistas do tempo.

O legista recolheu-se então á sua villa natal : ahí entregue ás lidas forenses, teve a nobre ambição de illustrar seu nome obscuro ; aproveitando os momentos que lhe deixavão os clientes, como depois fez Lobão, emprehendeu escrever um *Commentario ds Ordenanças Manuelinas*, obra de plano vasto, em que se investigavam as verdadeiras fontes daquelle codigo do direito portuguez.

Correram os annos. Vaz Caminha concluiu sua obra, limou-a conforme o preceito de Horacio, e sentio o desejo muito natural de trazer á luz o fructo de suas longas vigílias ; mas então a imprensa era um luxo dispendioso, e as copias em pergaminho, a que se recorria na falta daquelle agente da circulação, não custavam menos.

Ora o foro de Arrayollos era escasso ; o advogado poucas economias tinha feito, apesar da parcimonia com que vivia ; de modo que a obra estava condem-

nada a jaser na arca de papeis e autos, si um acontecimento imprevisto não viesse dar á seu author uma esperança de obter a fazenda necessaria para a realisação de seu grande desejo.

Creara-se em 1588 uma Relação na Bahia ; desde que o tribunal começasse á funcionar o numero das demandas augmentaria infallivelmente ; no Brasil, terra abundante de ouro e falta de lettrados, os provarás e embargos deviam ser pagos por bom preço ; um advogado pois que se fosse alli estabelecer tinha todas as probabilidades de adquirir uma rapida abastança.

Foi esse o raciocinio de Vaz Caminha, e devemos confessar que não peccava contra a logica ; assim embalando-se na idéa risonha de poder realisar o sonho de sua vida, resolveu definitivamente embarcar-se para a cidade do Salvador ; deixou algumas economias á irmã que velara sobre sua infancia e ainda o acompanhava, e partio para Lisboa.

Um navio estava á fazer-se de vella e nelle ia um dos desembargadores da nova Relação, Balthasar Ferraz, que encontramos feito provedor-mór da fazenda ; o nosso advogado aproveitou o ensejo, e obtendo uma passagem, deixou as terras da patria, para ir procurar longe os meios de dar-lhe uma

prova do seu amor, e de erguer um monumento á sua gloria.

Com feliz travessia chegou elle á Bahia, e foi assentar os seus penates, isto é, suas estantes, seus livros, seu telonio, seu manuscripto e a velha Eucheria naquella mesma casinha por detraz da Sé; immediatamente os demandistas recorreram á experiencia do novo jurisconsulto, a quem o povo ignorante nas distincções academicas chamava geralmente — *o Senhor licenciado*.

Vaz Caminha, modesto como era, nenhum caso fez; mas não deixou de lhe causar impressão o caracter especial do fôro bahiano. O advogado era apenas um conciliador de partes; afóra essa tarefa de nada servia; porque os embargos, os aggravos e recursos tinham sido substituidos por uma excepção peremptoria não consignada no formulario dos praxistas, — a adaga ou o arcabuz.

Começavam-se muitos pleitos, porém todos eram decididos extrajudicialmente; os physicos vendiam alguns récipes e os boticarios as suas mésinhas; os padres ganhavam frequentes encommendações; mas ao advogado nada rendia esse modo expedito de terminar os processos. Assim Vaz Caminha comprehendem que antes da chegada da Relação nada se podia fazer.

Desde então principiou um habito que elle ainda conservava na occasião em que o encontramos ; todos os dias ao raiar da alvorada sahia de casa, e no seu passeio matutino dirigia-se ao largo da Sé, de onde se descortinava toda a bahia. Alli ficava cerca de uma hora com os olhos engolfados no horizonte a ver si enfim surgia o galeão, em que vinha a desejada Relação.

Ora esse galeão partira em meado de 1588 de Lisboa, tendo a seu bordo o governador Francisco Giraldes, donatario dos Ilhéos, e os desembargadores nomeados para installarem o novo tribunal ; succedendo arribar duas vezes, os passageiros tomaram isso como aviso do céo e deixaram-se ficar em Portugal.

Nem mais novas houve da Relação ; Vaz Caminha resignou-se e continuou a magra advocacia que pouco mais lhe rendia que em Arrayollos, então lembrando-se de algumas licções de cravo que tomara em sua mocidade, aceitou o logar de organista da Sé, o que lhe deixava no fim do anno algumas patacas.

A gente que se occupa da vida alheia chamava-o de avarento ; mas ignorava que sublimes sentimentos occultava aquella restricta economia : não

sabia que dos modestos lucros elle mandava dar uma pensão em Portugal á irmã que lhe servira de mãe, e o resto destinava para a publicação de sua obra, o maior serviço que podia prestar ao seu paiz.

Quando os rapazes que passavam para a escola vendo-o que se dirigia para o largo da Sé triste e cabisbaixo o perseguiam com risos e galhofas gritando — *vais? vais? Caminha!* — mal pensavam que aquelle homem que durante vinte annos, chovesse ou fizesse sol, ia todas as manhãs olhar o mar e o horisonte, não se illudia já com a esperança vã e ridicula de ver chegar o navio que trazia a Relação.

O que o levava lá era a saudade da patria, a sublime nostalgia do velho que sente o corpo vergar para uma terra, que não é a sua, e em cujo seio talvez descançarão suas cinzas entre gente estranha, longe do berço; o que elle ia ver não era nem o mar, nem os navios, era sim o horisonte immenso no fundo do qual os olhos d'alma lhe mostravam o modesto painel da sua aldea natal.

Que lhe importava que o mundo risse? As dôres profundas e grandes se escondem nos refolhos do coração, ahí vivem, ahí morrem, sem que a compaixão publica as profane; só Deos lhes sabe o

segredo, e lhes manda ás vezes uma doce consolação na terra, ou lhes guarda um premio no céo.

Para o licenciado essa consolação fôra um menino.

Tres annos depois que se achava na Bahia, em 1590, conheceu Roberio Dias, o celebre possuidor do segredo das *minas de prata*. Corria que voltava da Hespanha descontente, porque Filippe II lhe recusara o titulo de marquez das Minas, que pedira como premio da descoberta, e o nomeara apenas administrador. Viera elle esperar na cidade do Salvador o novo governador geral D. Francisco do Sousa, aproveitando o ensejo para passar algum tempo com sua mulher, de quem andava ausente havia bom par de annos.

Roberio soffrera uma grande decepção e era infeliz; não ha laço que mais prenda e solde duas almas do que a desgraça; tendo necessidade de consultar o advogado para deixar os seus negocios em boa ordem, achou nelle um conselheiro, que breve tornou-se amigo; estabeleceu-se a intimidade, a tal ponto que partindo para o sertão com o governador, Roberio, a quem um presentimento cerrava o coração, abriu-se completamente com Vaz Caminha e deixou-lhe o cuidado de velar sobre sua mulher e o filho que ella ainda o trazia no ventre.

O pequeno Estacio veio á ser um consolo para o legista, á quem a sorte negara o doce sentimento da paternidade ; esse menino e sua mãe crearam para o seu coração virgem uma familia espiritual, em cujo seio ia esquecer as saudades de sua boa irmã e as lembranças de seu velho Portugal.

Um anno não era decorrido, quando Roberio Dias adoeceu e morreu no sertão sem haver revelado o segredo das *minas de prata* ; este facto deixando orfã e ao desamparo aquella creança, ainda ligou-a mais ao licenciado, que sentia necessidade de repartir com uma creatura humana a afeição que votara aos seus queridos alfarrabios.

Cuidar da aducação de Estacio foi immenso prazer para elle ; ensinou ao menino as humanidades ; depois modesto como era, e desejando dar-lhe uma instrucção acabada, entregou-o a mestres de primeira força ; na idade de quinze annos o moço começou a frequentar as aulas do Collegio dos Jesuitas, na qual tivera taes adiantamentos, que os padres instavam para que elle entrasse na ordem.

Este projecto, porém, encontrou seria opposição da parte de Alvaro de Carvalho, que se associára a Vaz Caminha na educação do moço, e se incumbira de ensinar-lhe as artes da cavallaria. O velho alcaide

sonhava para seu protegido um mais brilhante futuro, que o da roupeta.

Eis como se achavam as cousas no momento em que Estacio, acabando de ler a carta dirigida a sua mãe por D. Diogo de Mariz, dobrava-a tranquillamente sem reparar na alteração de phisionomia e na posição grotesca de Vaz Caminha.

— Podeis dizer-me, mestre, que papel é esse de mór valia, pertencente a meu fallecido pai ?

O licenciado conseguiu restabelecer-se do abalo que soffrêra: atirando-se a Estacio, arrancou-lhe das mãos o papel, e leu-o de novo, enquanto o moço olhava-o admirado da singular excitação que pela primeira vez quebrava a pausada e fria gravidade do advogado.

Quando acabou de ler, segurando o papel nos dedos tremulos, voltou-se para o estudante :

— Não sabeis a historia de vosso pai ?

— Sei della o que me tem ensinado a tradição popular ; contam que meu pai conhecia o segredo de grandes minas de prata, que recusou descobrir por lhe haver El-rei negado a recompensa que pedia.

— A tradição mente, filho : Reberio era incapaz

de uma tal vilania ; depois de haver promettido cumpria.

— Mas então porque ainda hoje é desconhecido o segredo ?

— Ouvide, filho ; o que vou referir-vos foi dito ha dezenove annos por Dias na vespera de partir-se para o sertão, de onde um ressentimento lhe advertia que não devia voltar ; desde então ficou sepultado em mim, e só agora sahe de meus labios para vossa alma. Assim é, como si vosso pai vos fallasse do seu tumulo.



VI.

Que dá uma versão da historia do celebre Roberio Dias.



O velho recolheu-se um instante.

Estacio commovido, preparava-se para escuta-lo.

— Estas famosas *minas de prata* do Brasil, que tanto mal tem feito, excitando a cubiça de uns e causando a desgraça de outros, fazendo que reis esqueçam seus povos e sacerdotes sua divina missão, foram achadas em 1587 por vosso avô, de uma maneira que ainda hoje se ignora.

— Ah ! Não foi meu pai !

« — Para não esquecer o lugar e direcção em que demoravão, deixou no tronco das arvores em todo seu trajecto certos golpes que deviam orienta-lo em uma segunda jornada. Infelizmente não a pode levar á cabo; enfermou quando ordenava os aprestos della, e na hora derradeira chamou o filho e lhe communicou sua descoberta.

« Roberio cuidou logo em fazer a jornada para aviventar os rumos e marcos appostos por vosso avô, antes que o tempo e os accidentes os destruíssem. Partiu quasi escoteiro seguindo as pegadas do pae e chegou ao lugar indicado.

— Quando isso ? perguntou o moço.

« — Em fins desse mesmo anno de 1587, ainda eu não estava no Brasil. Vosso pai por prudencia e para não dar desconfiança aos garimpeiros que o acompanhavam, sahio do rancho como para caçar ; seguindo as indicações deu com a entrada da caverna ; achou-se em uma longa crasta subterranea ; havia escuridão profunda ; mas com pouco o luar enfiando pelas fendas da pedra deu em cheio sobre aquellas paredes alvas e brilhantes ; vosso pai admirado julgou ver um palacio encantado no qual o portico, a faxada, as columnas, tudo era de prata.

— E voltou carregado de riquezas ?

« — Não trouxe nem uma oitava de metal ; seria revellar o segredo e expor as minas á ambição de todos que o acompanhavam, tanto mais quando de repente foi surpreendido pelas vozes de alguns que se aproximavam. Resistiu á tentação e voltou como fôra. De volta á Bahia, caso de maravilhar, encontrou na voz do povo, e assoalhada por toda a cidade, a nova da descoberta. Disse-me Roberio que attribuia esses boatos a muita copia de prata em alfaias que vosso avô havia mercando, logo apoz sua chegada do sertão : e de feito casa alguma rica da Bahia competia com a vossa, Estacio, em baixella e copa.

— Agora come-se nella em escudella de pau, e bebe-se em pichel de estanho !

« — E' a lei deste mundo, filho ; devemos nos resignar a ella. Vosso pae tivera o cuidado de substituir os primeiros signaes por outros de mais dura, bem como de escrever a rota da jornada de modo á poder em qualquer tempo ir com segurança e presteza ás minas.

— Ah ! E' esse roteiro que D. Diogo de Mariz annuncia? .. exclamou Estacio.

« — Esperael acodiu o licenciado interrompendo-o

com brandura. Era o primeiro intento de Roberio emprehender por si mesmo a exploração das minas ; mas os boatos que começaram de correr, como vos disse, o fizeram mudar de parecer.

— Foi então que passou ás Hespanhas ?

« — Sim ; reflectiu, e julgou que melhor era seguir rumo direito ; embarcou-se para o reino ; levava o roteiro dentro de uma bolsa de couro que nunca o deixava. Por infelicidade precedia-o a fama do que ia fazer ; depois de offerecer o segredo das minas á Filippe II, que lhe prometteu de seu moto proprio o titulo de marquez, quando abriu a bolsa para entregar o manuscipio, não o achou ; tinham-n'o roubado.

— Ah !... balbuciou Estacio cujos olhos brilharam de indignação.

« — El-rei desconfiado como era, não conhecendo o character do homem que com elle tratava, suspeitou um embuste ; voltou atraz ; e proveu D. Francisco de Sousa no governo para vir ao descobrimento das minas, nomeando vosso pai simples administrador.

— Apesar de perdido o roteiro ?

« — Roberio affirmou ao rei, que sua memoria suppriria o papel ; e Filippe II receiando que outrem

lograsse o thesouro, tomou aquella resolução. Roberio veio então para esta cidade esperar o governador, e aqui durante dezoito mezes de estada tive eu a dita de conhece-lo ; um anno depois partia para não tornar, deixando a meu cuidado vossa mãe que vos trazia ainda no ventre.

— Terminai !... exclamou o moço.

— O resto sabeis : são as desgraças que enlutarão vosso berço, filho. Roberio confiou demais da sua memoria, na qual cinco annos de cuidados e tribulações tinham apagado a reminiscencia da primeira jornada ; por fim, depois de esforços baldados, tido como falso e embusteiro, elle a honradez em pessoa, foi presa de uma febre maligna, e finou-se no delirio que lhe mostrava ainda uma vez a visão daquella tarde, em que entrara nas minas. O governador D. Francisco de Sousa dera conta a El-rei do que passara, e sobre as cinzas ainda quentes de vosso pai executava-se a sentença de confiscação que vos reduziu á extrema pobreza.

O moço enxugou a lagrima que tremulou em seus olhos limpidos ; e beijou com ternura e respeito filial as mãos seccas do velho.

— Depois vós me servistes de pai, e quando, vai para cinco annos, minha mãe deixou-me para ir-se

onde a chamava seu esposo, fostes vós ainda que tomastes o lugar que ella occupava neste mundo.

— Não fallemos disto, disse o licenciado passando a manga pelos olhos ; o passado é dos velhos, pequeno ; aos mancebos deu Deos o futuro. Elle vos pertence ; podeis realisar a obra de vosso pai. O papel de que falla esta carta é o roteiro de Roberio ; não póde ser outro.

— Assim, eu sou rico ! disse o moço como accordando de um sonho

— Rico é o menos ; tendes em vossas mãos um grande poder ; o ponto é saberdes uza-lo.

— Me guiareis com a vossa experiencia ; ensinareis a gozar da riqueza áquelle a quem ensinastes a supportar a pobreza.

— Em tempo praticaremos sobre isso , hoje tendes o espirito todo empregado em folguedos e festas.

— E' verdade ! respondeu Estacio lembrando-se de Inezita ; agora mal vos escutaria.

— Ide, ide, pequeno, onde vae o vosso pensamento ; não vos demoro. Sómente lembrai-vos que esta carta é mais que a vossa felicidade, é a reabilitação da memoria de vosso pai.

— Não o esquecerei nunca, mestre.

— Guarda-a, e o segredo que ella encerra, como um arcano ; tirai exemplo da desgraça de Roberio.

— Não póde estar melhor do que em vossas mãos ; respondeu o moço entregando-lhe o papel.

— Não, filho, um velho fraco e inerme, é má guarda de thesouro tamanho; a alma é impenetravel, mas o corpo facilmente se quebra. Sois moço e valente cavalleiro ; a riqueza mudou-vos de repente a carreira ; habituai-vos desde já a traser a vossa fortuna, cõmo a vossa honra, na ponta de vossa espada.

— Então vossos projectos ?...

— A providencia acaba de destrui-los.

Mais estabelecidos das commoções porque tinham passado, o velho voltou ao seu almoço, e Estacio escondendo no seio o papel dispoz-se a partir.

— Uma cousa porém me parece obscura ainda ?

— Apontai-a, filho, que vo-la explicarei podendo.

— Porque esta carta que continha tão importante revelação estava ainda fechada com o fio preto que a sellava ? Porque nunca minha mãi fallou-me della ? Quem a entregou ?

— O escripto traz a data de 28 de Setembro de 1604 ; que no mesmo dia partisse de S. Sebastião devia chegar aqui meiado Outubro ; vossa mãi já estava sacramentada ; uma semana depois resavamos

por sua alma, a carta que lhe trouxeram ficou pois na caixinha onde guardava suas alfaias, tal como a tinham entregado. Quanto ao mensageiro, de certo algum colono que passou ao reino, ou a esta capitania.

— E esse homem não devassaria o segredo? disse Estacio tomado de subita inquietação.

— E' claro que não, respondeu o licenciado com o accento da convicção.

— Como o affirmaes?

— Si elle soubesse o conteúdo da carta não a entregaria, e por si, ou por terceiro, se apresentara á D. Diogo de Mariz para receber o papel.

— Tendes razão. E estaes informado da pessoa que é esse D. Diogo?

— E' o provedor-mór da fazenda de S. Sebastião; bom portuguez, fidalgo ás direitas, descendente da casa dos Marizes, uma das melhores do tempo do Sr. D. Affonso Henriques, que Deus tem. E' filho de D. Antonio de Mariz, que prestou grandes serviços no governo do Sr. D. Antonio Salema, e ha annos correu ter perecido ás mãos do gentio Aimoré.

— Julgais então que durante os quatro annos que passaram elle tenha fielmente guardado o roteiro?

— Não conheceis um portuguez, Estacio! Com esta sede de ouro que traz ao Brasil tantos aventu-

reiros, os costumes dos nossos maiores se perderam ; mas entre estes ainda ha cavalleiros que sabem o que devem á sua honra e aos seus brios. D. Diogo de Mariz é um dos poucos dessa raça que lá se vae com o seu tempo ; o roteiro, si o não roubaram, ainda está em seu poder e intacto.

— Quando assentais que deva partir ? perguntou o moço com certa vivacidade.

— Devagar, filho ; depois trataremos disso. *Festina lente.*

A citação latina annunciou ao moço que Vaz Caminha ia apresentar-se sob um aspecto que bem conhecemos.

Com effeito havia naquella exotica figura tres homens diversos.

Um era o homem de sentimento e effusão, que só a Estacio se revelava nos momentos de intimidade ; uma bella alma fechada n'um corpo grotesco : uma perola fina escondida em casca rude e grosseira.

O outro era o homem do fôro, o advogado secco, e dogmatico, inflexivel no raciocinio, recheado de textos romanos, armado com o *ergo* formidavel que accentuava as conclusões de sua logica de aço : a necessidade de ganhar os meios de subsistencia,

tinha creado essa personalidade, que sendo a menos verdadeira, era a que á todos se manifestava.

O terceiro homem, que havia dentro daquella organização rachitica, era o homem de talento, o author ainda desconhecido de uma obra concebida e realisada durante muitos annos de trabalho e longas noites de insomnia. Espirito vivendo no futuro, alimentado pelo fogo intimo que queima lentamente, absorvido na gestação de um pensamento grande, ninguem o comprehendia ; a ninguem se revelava nessa ultima phase de sua vida. Era um misterio entre elle, a candeia que o alumiaava, e Deus que o encorajava.

Os tres elementos dessa organização tinham constituido uma vida á parte ; cada uma das phases da triplice existencia tinha seu orgão diverso e sua esphera distincta.

No primeiro homem funcionava o coração ; no segundo a vontade ; no terceiro a intelligencia.

Pai espiritual e amigo pela necessidade de amar ; advogado pela obrigação de se alimentar e soccorrer sua irmã ; author pela febre d'a'ima que excita o espirito a crear alguma cousa, e deixar durante a rapida passagem neste mundo seu nome impresso e seu pensamento materializado em algum objecto.

Ora Estacio amava seu mestre ; mas respeitando o advogado, sentia uma certa dissonancia entre seu character leal e a logica forense que arma-se muitas vezes do sophisma para escurecer a verdade ; por isso apenas Vaz Caminha annunciou com o primeiro texto latino que o jurisconsulto ia apparecer, o mancebo apertando-lhe a mão partiu.

Ia seu caminho bem preocupado com os pensamentos que lhe suscitára a revellação de seu padrinho, e por isso não ouvia que o chamavão.

— Psio l... Psio l... Senhor cavalheiro l...

Brasia corria após elle e o alcançou.

— Fazei a mercê de esperar, meu rico senhor ?

— Que desejaes, mulher ?

— Certa dama que vos viu na missa está tão rendida de vosso gentil parecer, que anciosamente deseja fallar-vos um instante que seja !

Estacio ficou sorpreso e passado ; não era mancebo de aventuras; nunca as tivera, nem mesmo sonhára. Ficou pois a olhar mui serio para a aia, sem lhe occorrer alguma resposta.

— Que lhe hei de eu levar á formosa dama, meu rico senhor ?

— Dir-lhe-heis que este seu servo não merece seu agrado, e nem já se pertence, pois rendeu-se

captivo de outros encantos ; tornou Estacio gravemente.

A Brasia titubeou ; e logo espivitada acodiu :

— Mas, gentil namorado, não me entendestes ou eu não me expliquei assaz... Não sou correio de Cupido, que bem diversa é a incumbencia que trago !... A dama, sabendo da vossa bizzarria, quer valer-se della, para seu amparo l...

— Ah ! Então carece ella de mim ?

— Pois que tão apressada me mandou...

— Onde a posso eu encontrar ?

— Esta mesma noite de hoje, ao escurecer. Fica parado no adro de Santa Luzia, olhando fito para as bandas do mar.

— Esta noite não poderei, pois devo estar no torneio.

— E' verdade, mas em acabando elle ?...

— Lá estarei, si for por instantes, pois devo voltar para o saráo.

O legista terminava tranquillamente seu almoço, e se dispunha a sahir de novo, quando o vultosinho da tia Eucheria assomou á porta.

— O pequeno já se foi, senhor licenciado ? perguntou ella.

— Agora mesmo sahio : ainda não dobrou o canto. Porque ?

— E' pena que se fosse ; podia dar-me uma de-mão para cortar lá no horto um cachinho de bananas que estão a cair de maduras ! Faz gosto ver !

— Pois Eucheria, disse Vaz com ar severo, é essa incumbencia que quereis dar a um moço cavalleiro ?

— Ai !... Tal não me lembrou, senhor Vaz ; mas não leveis a mal, que me arrependo, e dos arrependidos é o reino do céo. Como elle-foi quasi criado aqui...

— Comtudo já é um homem.

— Um rapaz, resmungou a velha ; para homem ainda lhe falta muito. Porém as fructinhas ? Ficam perdidas ? Mette dó ! Já estão sorvando !

— Não vos amofineis, Eucheria, hade-se arranjar.

— Como, é que eu não sei, porque o cacho não é lá muito baixo, e nem vós mesmo, senhor licenciado, com serdes de boa altura, podeis deitar-lhe a mão.

Com effeito Vaz Caminha tinha mais meia polegada que a sua caseira.

— Talvez por ahi venha logo mestre Bartholomeu ; disse Vaz Caminha.

— Esse sim ! Era um achado ! Mas virá elle ?

— E' natural.

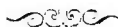
— Pois vou preparar meu taboleiro para pô-las á séca. Não gostastes dessas passas que vos servi na collação?

— Não desgostei, não ; estavam tenras.

— Sabem, assim assim, com os nossos figos de Arrayolos, não é verdade, senhor Vaz? Si nós os tivéssemos cá? Que de annos não lhes tomo o gosto! Fazem bem pela Paschoa...

E a velhinna começou de fazer a conta.

O licenciado deixou-a nessa profunda elocubração ; tomando o barrete e sua canna de Bengala, ganhou a rua e seguiu para as bandas do Collegio dos jesuitas.



VII.

Que trata das novas do reino e do mais que seguiu.



A poucos passos de casa, o advogado encontrou o desembargador Balthazar Ferraz, seu antigo companheiro de viagem, que como elle esperára debalde pela encantada relação, e á final se consolára de sua inercia forence nas lidas financeiras do cargo de provedor-mór da fazenda.

O magistrado voltava de palacio, onde deixára o

governador occupado com a leitura dos despachos reservados que vinham do reino.

— Então, *doctor*, não foi ainda desta vez !... Nada de relação !

— Virá quando Deos fôr servido, e El-rei o ordenar, Senhor desembargador. Quaes novas do reino? Boas ?

— Não sei, si boas, si más ; sei que são importantes. El-rei houve por bem dividir outra vez seu Estado do Brasil em dous governos, separando as capitancias do Sul.

— El-rei terá razão de assim proceder, Senhor Balthazar Ferraz ; mas não é menos certo que pouco avança, quem não segue rumo direito. Ainda em 1577 se uniam os dous governos, e já os dividem !

— Pensaes com acerto, doutor Vaz Caminha. Porém não pensam assim os vossos amigos, que tão certo como ser hoje quinta-feira, foram os motores disso.

— Fallaes dos padres, Senhor desembargador ?

— Fallo dos da Companhia de Jesus, que bem conheceis.

— *Ubi effectus ibi causa*. Que interesse podem ter elles na divisão ?

— O de vingar-se de D. Diogo de Menezes, pela

audacia de lembrar-lhes o texto da Santa Escriptura. Os filhos de Jesus costumam esquecer que seu reino *non est de hoc mundo*.

— Estou que vos enganais, Senhor provedor.

— O tempo vos abrirá os olhos, Senhor Vaz Caminha.

— Sabe-se já quem foi o provido no governo do Sul ?

— D. Francisco de Sousa ha muito o estava por carta régia de 2 de Janeiro passado.

— D. Francisco de Sousa !... E' o que veio ha annos em cata das minas de prata de Roberio Dias ?

— O mesmo, e desta vez traz não só o provimento de governador, como a superintendencia das minas, com regalia de conceder foro de fidalgo e habitos nas tres ordens, passando por morte a successão á seu filho, independente da confirmação de El-rei.

— Julgais então que os padres da Companhia para humilhar D. Diogo de Menezes obtiveram tudo isto ?

— E' fóra de duvida. Quem si não elles obteria prerogativas, como governador algum ainda as teve ?

O licenciado abanou a cabeça.

— Afora estas, não ha outras novas ?

— Conta o sargento-mór que os desembargadores nomeados ficavam a partir para virem installar nesta cidade a nova relação ; mas tantas vezes nos tem chegado a mesma noticia, que já não ha crer nella.

— Chegarão quando menos o esperarem. E passageiros ? Muitos ?

— Algumas familias de ilheos para a colonisação das terras ; e um padre da Companhia.

— Só um ? perguntou Vaz Caminha.

— Achaes que são poucos os que já existem em sua casa do Terreiro ? Orçam por noventa e tantos !

— Não é isso que me causou estranhesa, Senhor desembargador ; poucos ou muitos, nada tenho com o numero ; é natural que onde sobra o trabalho das reduções e apostolados mais se empenhem as forças da Companhia. Por outro motivo pareceo-me singular a vinda do padre.

— Porque, doutor ? Não andam elles sempre de arribação ?

— Sim ; mas não se manda um soldado para augmentar a guarnição de uma praça, Senhor provedor.

— O que se manda então ?

— Manda-se um bom cabo de guerra para defen-

de-la; ou um mensageiro para levar-lhe instrucções superiores.

— E' possivel que assim aconteça. O que fôr soará, respondeu o provedor despedindo-se.

O licenciado continuou seu caminho reflectindo sobre a conversa que tivera com o desembargador Balthazar Ferraz.

Não era que o seu espirito andasse occupado com as questões da governança da terra; em sua posição modesta e com seu genio, nunca aspirára a fazer o papel de politico; e até recusára em 1562 representar a villa de Arrayollos em Cortes, desviando de si os votos do conselho, e fazendo nomear outro procurador.

Mas os homens de intelligencia, habituados ao estudo e meditação, não se podem conservar indifferentes aos factos de importancia que passam sob seus olhos: embora não lhes interessem de perto, sentem elles a necessidade de os apreciar. A intelligencia é iman tambem; attrahe o que entra em sua atmosphera.

Estranhava que o governo hespanhol em vez de conservar a unidade da administração colonial, imagem da unidade da monarchia, voltasse ao antigo systema da divisão que pouco havia fôra con-

demnado ; não acreditava que uma simples vingança dos jesuitas desse causa áquella mudança repentina e impolitica.

No meio dessas reffexões uma idéa passou-lhe de relance pelo espirito.

A lembrança da scena que ha pouco tivera logar em sua casa entre elle e Estacio ; a coincidencia de ser o novo governador D. Francisco de Sousa, o mesmo que em 1591 viera com Roberio Dias ao descobrimento das minas de prata ; o facto da existencia do roteiro que se julgava perdido ; todas essas circumstancias, apresentando-se de repente e conjunctas á um espirito sagaz e profundo como o seu, deviam impressionar.

A ambição insaciavel dos reis de Hespanha, os quaes desde a descoberta do novo mundo, sugavam o sangue da America para arrancar do seio dessa terra o ouro e as pedras preciosas que a natureza abí depositára ; o desejo de obter as famosas minas de prata, cuja abundancia e riqueza a tradição popular havia engrandecido ; explicariam perfeitamente a nova politica e a nomeação de outro governador e superintendente.

Tambem não deixava de causar certo reparo ao nosso advogado a chegada do jesuita, que natural-

mente como fizera sentir ao provedor, vinha incumbido de alguma missão importante ; qual ella fosse, é o que elle não podia adivinhar. Isso o inquietava involuntariamente. Um quer que seja lhe fazia receiar que o segredo de Estacio se achasse envolvido em todos esses acontecimentos.

— Cuidemos de sondar os animos ! disse entre si.

Assim pensativo atravessava o doutor o largo da Sé, quando lhe occorreu a advertencia da tia Eucheria, que a sua provisão de vinho das Canarias já estava exhausta, e carecia nova para o dia seguinte. Quebrou na primeira travessa em busca de uma taverna muito afreguezada, que havia ali perto, servida por um tal Braz Judengo.

A varanda da taverna ainda estava deserta, e a porta cerrada ; porém Vaz Caminha, como freguez antigo, penetrqu no interior. Já elle vinha do fundo desenganado de encontrar viva alma com quem fallasse ; um murmurio de vòzes abafadas ferio-lhe o ouvido. O advogado sondou com o olhar os cantos escuros do aposento.

Vio no fundo uma fresta triangular interiormente esclarecida por uma candeia.

— Bom ! pensou Vaz Caminha. Está justamente na adega.

De facto, a fresta dava para o vão subterraneo de uma escada onde o bodegueiro havia construido a cava dos vinhos. Enfiando o olhar pela abertura, o advogado pôde ver e ouvir distinctamente o que passava no interior.

Na estreita area ladrilhada, que formava o fundo da adega, estavam dous homens sentados em face, de um e outro lado da quartola, cujo tampo lhes servia de meza : outros barriletes deitados faziam as vezes de tamboretas.

A candeia, collocada sobre um tijolo saliente da parede, projectava a luz de chapa sobre o meio perfil dos dous companheiros.

Um delles era um negro, moço e robusto, cuja tez escura reflectia os raios da luz, como o lustro do jacarandá polido. Tinha a feição comprimida peculiar á sua raça : o olhar pesado e torvo : nos labios grossos o sorriso carnal da animalidade africana. Com os cotovellos apoiados sobre o arco da quartola acompanhava os movimentos do outro.

Era este o taverneiro, o Braz Judengo, como o chamava o vulgo ; homem de estatura meia, entre gordo e magro, de cabello preto corrido e barba ruiva encarapinhada ; especie de eclecticismo vivo no

moral, como no phisico ; alma amphibia, habitando no vicio tão bem como na virtude.

Não professava religião alguma, porém usava de todas : era ao mesmo tempo pelos padres da Companhia e pelos senhores de engenho, a favor e contra a liberdade dos indios : vivia bem com o alcaide e com os ratoneiros : acoutava negros fugidos e também os entregava aos donos quando lhe davam pingue esportula.

Seu verdadeiro nome era Joaquim Braz : pelo menos assim foi dado á rol na camara, quando se tratara do assentamento dos moradores e visinhos do conselho. Desse nome uzava elle sempre que traficava com os mercadores judeus. Neste caso pronunciava *Baraz* e escrevia *Joakim* com *k* em vez de *q* ; isso dava á assignatura certo cheiro de velho testamento, bastante para conciliar a benevolencia dos vendedores, e não tanto que compromettesse.

Si vivera nos tempos modernos, o Sr. Braz (Joaquim), ou Joakim Baraz faria um importante papel na politica ; e primaria sem duvida entre os mestres de certa eschola, que acceita todos os principios e apoia todos os governos.

O Braz naquelle momento acabava de riscar á giz

sobre o chantel do barrilote diversos traços que figuravam a tosca planta do interior de um edificio.

— Prompto ! exclamou elle largando o giz e enchendo na mesma quartola, que lhe servia de meza, uma caneca de vinho.

E continuou depois de beber :

— O dinheiro está por baixo do oratorio, não é ?
O negro acenou com a cabeça.

— Aqui : respondeu, assentando a ponta do dedo sobre um dos traços de giz.

— Então, replicou o Braz, bem vês, Lucas, que tenho razão : é melhor cavar dentro da casa. Anda mais lésto e vae-se pela certa !

— Não ! disse o negro com a palavra breve e decidida. Dentro não se póde : ha de ser por fóra.

— Mas vem cá, filho ! De vagar, que é o meio de apressar.

O bodegueiro designou a planta.

— Si o oratorio está aqui, temos que para lá chegar carece atravessar a recamera da dona. Ora cavar tudo isto por baixo da terra, não é cavar um queijo do Alemtejo.

— Gimbo muito ! Paga a pena ; retorquiu o negro.

— E a dona não ha de ouvir, quando estiverem a cavar por baixo da cama della ?

— E' não fazer barulho.

— Custa pouco a dizer : Beba, mas não engula !
O som do ferro no chão, por força que se ha de ouvir, filho de S. Benedicto !

— Pois á querer, é assim ! disse o negro, que se ergueu resolutamente e bateu com a palma da mão no barrilote. Dentro da casa ninguem entra, que não deixo eu !

— Está bem ! accodio o bodegueiro, não vai a zangar. Tudo se arranja.

O advogado apenas teve tempo de ganhar a varanda, antes que os dous interlocutores assomassem no topo da escada subterranea.

— Oh ! de casa ! disse Vaz Caminha batendo com a bengala no ladrilho. Não ha quem acuda aos freguezes ?

— Já se vai ! já se vai ! gritou o Judengo, suppondo que batiam á porta da rua.

— Ora sejaes bem apparecido, sô taverneiro ! Tarde madrugaes, para que vos Deus ajude.

— O senhor licenciado !... Cá dentro ?.. Por onde entrou sua mercê ? exclamou o taverneiro arregalando os olhos.

— Não está má ! Pela porta ! Querieis que entrasse pela janella ?

— Mas si a porta estava fechada !

— Tanto não estava, que por ella entrei eu !

E como o Braz embatucasse, continuou o advogado rindo maliciosamente :

— A isto chama-se no digesto, mestre Braz, provar *in continenti*, pela vista dos olhos, *aspectu*.

O bodegueiro disparatou afinal :

— Já sei ! Foi aquelle maldito que se poz ao fresco e deixou-me ás escancaras, em risco de me limparem a casa !... Martim ! Martim ! Diabrete, filhote d'um demo, com perdão de sua mercê, senhor licenciado ! Anda por ahí de brodio ! Não tem que ver !... Deixa estar, cão, que eu te guardarei boa pitança.

Quando o bodegueiro acabou de vociferar, e acalmou o furor que o tomara por ver a porta aberta, Vaz Caminha apreçou o vinho, e contiuiuou seu itinerario. Mal tinha elle dado uns trinta passos na rua, o negro, que o seguira de longe, entregou-lhe uma carta.

Vinha na capa o seguinte endereço :

« Para o Sr. Vaz Caminha, letrado da Bahia, que mora por detraz da Sé. »

— Quem te manda ? perguntou o advogado reconhecendo no portador o companheiro de Braz na adega.

— O papel diz, respondeu Lucas.

O advogado rompeu o selo, augurando mal daquella estranha missiva: a carta continha estas palavras:

« Pessoa que tem rasão de segredo, muito deseja aconselhar-se com o senhõr licenciado. Não permittindo seu sexo e posição que o procure ella, pede para vir d sua casa, esta mesma noite de hoje, depois do sino de recolher. Um escravo fiel acompanhará sua mercê. »

— Senhor vai? perguntou Lucas, vendo o advogado dobrar lentamente o papel.

Vaz Caminha fitou os olhos vivos na face do negro; sentio um ligeiro estremeamento, recordando a scena mysteriosa da adega: não obstante respondeu com a voz clara, ainda que um tanto baixa:

— Irei, filho, irei!

— Depois do sino?

— Onde te encontrarei?

— Na bodega, respondeu Lucas.

— Aqui serei á ponto.

Não foi sem inquietação, sem medo, digamos francamente, que Vaz Caminha se metteu naquella arriscada aventura: porém o advogado tinha, em falta da coragem phisica, a coragem moral dos ho-

mens de vontade firme. De resto que interesse havia em attentar contra sua vida, que á ninguem prejudicava?

Tomando pela rua dos Mercadores, o licenciado foi sahir no Terreiro, junto ao Collégio dos jesuitas, vasto e bello edificio que occupava uma das faces do largo, com o rosto voltado para o nascente.

No meio do terreiro via-se armada em vasto circulo una palissada, que abria para o lado do convento e rematava nos cantos com palanques alcatifados de rases e lambeis de côres vivas. Nas ruas proximas e no largo havia profusão de folhas aromaticas que serviam de tapete: as escadas e os estrados porêm estavam cobertos de lindos pannos de Flandres com vistosas ramagens.

Muitos officiaes mecanicos, carpinteiros e capelistas, trabalhavam ainda nos preparativos dos festejos da tarde; os primeiros erguiam as columnas e arcos que tinham de servir aos diversos jogos; os segundos pregavam as telas, e armavam sobre os assentos preparados para as damas os ligeiros toldos de tafetá, que deviam resguardar os formosos rostos dos raios do sol.

O licenciado deu uma vista indifferente áquelles trabalhos, e atravessando o Terreiro entrou a larga

portaria do convento, aberta pelo irmão Bernardo, que se desfez em mesuras ao visitante.

— *Servus servorum!*

— De Deos, de quem todos sommos, irmão Bernardo. Como vai o vosso achaque?

— Sempre na mesma, Senhor licenciado! Um canção.... Ahn!... Que nem posso com este corpo.

O achaque do irmão porteiro era a preguiça, que elle diagnosticára,—affrontação.

No rez do chão do edificio ficavam, de um lado as vastas salas do refitorio e a rouparia; e do outro o *pateo*, nome que davam os jesuitas ás aulas de latim e outros estudos menores; no fundo via-se por entre as grades das janellas o horto, e a grande cerca do convento que ia ter ao mar.

Em quanto Vaz Caminha subia os primeiros degrãos da escada de pedra, que conduzia aos aposentos superiores, assomou no topo a figura de um frade já quebrado pelos annos, o qual tendo visto pela janella entrar o advogado, fôra cortezmente ao seu encontro.

— *Avè, doctor, semper amabilis!* disse o jesuita com a expressão da mais viva cordialidade.

— *Gratia vobis, pater provincialis;* respondeu o legista com igual expansão.

E acabando de subir, apertou a mão que lhe estendia o provincial Fernão Cardim.

— E' de mister que Deus mande um dia de anno bom, para que os seus servos possam ter-vos nesta vosso casa.

— Tão poucas não são as festas do anno, padre provincial ; e ellas não passam sem me ver sentado á mesa deste convento, onde a vossa amisade me acolhe com verdadeiras mostras de bondade.

— Não é razão, *corissimè doctor*, para nos privar de vossa companhia nos dias não santificados : si eu fôra vosso confessor, vos daria essa penitencia por algum peccadosinho que deveis ter commettido na mocidade.

— Não era preciso ir tão louge ; hoje mesmo P.º provincial... Sou homem, e o psalmista o disse : *Homo, natus de muliere, repletur multis miseriis...*

— Livre-nos Deus de offender vossa modestia. Mas passando a assumpto profano, vindes disposto a jogar nossa partida do costume.

— De certo, e por signal que me dêveis uma desforra da ultima vez. Preparastes um lance que me desorientou bastante.

— E' verdade ! respondeu o provincial, esfre-

gando as mãos com visível satisfação. Avancei um pião defendido por um castello; xaqueei o rei, e antes que podesseis defender-vos, dei-vos o mate com o delphim !.. Bello lance !.. Tiuha-o estudado.

— Tambem eu havia preparado um, mas tinheis o jogo tão cerrado, que me desfisestes todas as combinações.

— De véras !... Não me havieis dito tal.

— Pensais que se fica de animo sereno, quando se perde uma partida de honra ? Porque, si vos lembrais, era um desafio !...

— Lembro ! Lembro !... exclamou o frade não cabendo em si de contente, fazei por tomar hoje a desforra.

— Neste proposito venho eu ; e já vos advirto que custareis a leva-la !

— Melhor ! Gosto da victoria disputada.

— A' proposito, sabeis novas do reino ? A relação virá ? perguntou o licenciado com um ar de perfeita ingenuidade.

— Breve deve estar por ahi ; já El-rei tinha provido os desembargadores ; respondeu o provincial não podendo esconder um sorriso. Quanto ás novas, de grande monta são para este estado.

O jesuita repetio então o que Balthasar Telles já

havia contado ao licenciado, sem contudo fazer nenhuma observação sobre as causas que tinham motivado as resoluções de Felippe III.

— Quem não ha de receber isso do rosto alegre sei eu ; disse Vaz Caminha.

— O Senhor D. Diogo de Menezes !... Não se pode queixar senão de si !

— Elle mesmo o procurou com suas mãos !... E o novo governador veio na fragata ? perguntou o advogado.

— Não ; mas já deve estar em Pernambuco, de onde seguirá direito para o Rio de Janeiro.

— Então ninguem de vulto chegou ?

— De vulto não ; chegou-nos um irmão que vem fazer residencia nesta casa por ordem do Geral.

— Bem vindo seja, que nesta terra de gentio nunca serão de mais os missionarios de Christo, Pena é que fosse um somente ; acrescentou o licenciado.

— Com o tempo virão outros, doutor ; respondeu o provincial sorriundo. Mas entrai, entrai !...

Esta conversa tivera lugar no topo da escada, onde os dous velhos amigos se haviam encontrado.

Ao convite do Jesuita, Vaz Caminha o seguiu pelo

corredor que dividia os dormitórios, e entrarão ambos na biblioteca.

Esta parte do convento, uma das mais importantes depois da secretaria, estava collocada ao lado do sul; era um vasto salão, com janellas rasgadas, das quaes se gosava de uma vista admiravel sobre o mar. Grandes estantes de livros cobriam as paredes de alto a baixo; no fundo pendia um grande retrato á oleo de Santo Ignacio de Loyola, o fundador da Companhia; o artista hespanhol que desenhára esse quadro tinha reproduzido com fino collorido a expressão sublime do soldado de Novara, coberto com a roupeta do monge.

Ao longo da sala estava uma mesa comprida, carregada de instrumentos astronomicos e mathematicos, de tinteiros, livros e papeis; ahi sentados, diversos religiosos aproveitavam a manhã para realisarem os trabalhos de paciencia e estudo, que são o mais precioso legado deixado por essa Ordem á civilisação moderna.

Muitos copiavam manuscriptos de historia; outros traduziam em guarany as orações christãs para uso dos indigenas; estes se entregavam á estudos de botanica e classificavam uma planta brasileira ainda desconhecida; aquelles tiravam a limpo suas obser-

vações astronomicas ; alguns escreviam cronicas das religiões,ou cartas sobre o estado das reduções.

Quem visse esses homens, assim occupados em marcarem com o sello de sua intelligencia todos os conhecimentos ; em ligar seu nome, não já á religião, mas á historia, á geographia, á politica, á philosophia e até ás artes ; não se admiraria que unidos pelo mesmo pensamento e dirigidos por uma vontade, houvessem creado a ordem poderosa que, espalhando-se pelo mundo, dominou os thronos, curvou os reis, e lutou com os governos das nações mais fortes.

Um frade, que nesse momento entrou na sala, avistando o advogado, encaminhou-se logo a elle para o saudar. Vaz Caminha respondeu á cortezia com signaes de respeito e acatamento que não tivera, mesmo fallando ao provincial.

Quem era pois esse jesuita, e que elevado gráo occupava na Companhia ?

Era o P.º Ignacio de Lourical, um simples professo, de todo alheio aos negocios secretos, a que nenhuma importancia ligava ; e por isso o menos qualificado do gráo. Mas bastava olhar aquelle meigo semblante de velho, coroado de nivea aureola

de cans, para ver ali estampado o evangelho da bondade.

Quando passavam os outros professos, cujo voto pesava nos negocios da companhia, a gente melhor desbarretava-se ; para o P.º Ignacio ninguem se arredava, pois quasi o não percebiam ; mas o povo, que via esgueirar-se furtivamente o modesto frade encolhido na roupeta, murmurava baixinho :

— Santo homem !...

Vaz Caminha respeitava-o como á um principe da igreja ; e sempre que o via, beijava-lhe máo grado a manga do habito, que o fradê esforçava por lhe tirar.

— Então, doutor, o nosso estudante trocou hoje os estudos pelas gritas e torneios ?...

— Bom é, P.º Ignacio, que conheça o mundo para saber o que abandona.... Bem entendido.... Si tal fôr seu gosto e vontade !

— Sem duvida !... Pois o contrario seria fazer de um bom mancebo um máo padre. Não lhe parece, P.º Provincial ?

Um sorriso fugiu pelos labios finos de Fernão Cardim :

— Demos hoje sueto aos negocios em attenção ao dia que é.

A sineta tocou chamando a comunidade á refeição.

Era á ponto de meio dia.

Quando Fernão Cardim e o licenciado iam descer a escada, o irmão dispenseiro chegou-se á elles e dirigio-se ao superior com o costumado respeito.

— O P.º Gusmão de Molina pede a Vossa Reverendissima, que o dispense por hoje de comparecer ao refeitório.

— O dia da chegada é sempre concedido ao repouso ; dizei ao nosso irmão que se restabeleça das fadigas da travessia ; melhor cumprirá depois os deveres do nosso instituto.

Com pouco, a comunidade, rodeando a longa mesa de jantar, murmurava a prece do ritual.



VIII.

Como o P.^o Provincial deu xaque ao rei e foi xaqueado.



Deu uma hora da tarde.

Na vasta sala da bibliotheca, á pouco deserta, andava um frade, que percorria o aposento á passos vagarosos, com o movimento authomatico e maquinal do homem absorvido em funda meditação.

As vezes parava em face do quadro de Santo Ignacio de Loyolla ; erigia então a alta estatura,

fitava no retrato o olhar ardente, e rastreando na tela as linhas das feições nobres e expressivas, trocava com a imagem inauimada um sorriso de orgulho.

Quem o observasse nesse momento, comprehenderia o que passava em sua alma.

Aquella fronte larga e proeminente, cobriado como uma abobada de marmore os olhos fundos, onde a pupilla negra brilhava na sombra com reflexos de um fogo volcanico nas trevas da noite; o oval do rosto que terminava na ponta de uma barba saliente, o nariz aquilino, as faces longas, a boca fina e cerrada; todos esses traços energeticos pareciam cinzelados pelo molde do busto, que o artista havia desenhado no quadro suspenso em um dos pannos da bibliotheca.

Era tal a semelhança, que á primeira vista se julgaria que o vulto do fundador da Ordem de Jesus destacára da moldura, e encarnando-se, passeiava pela sala deserta, á revolver na mente os destinos futuros da poderosa creação de seu espirito, esse apostolado que devia conduzir a humanidade dos umbraes da idade media ao portico da civilização moderna.

Mas passada essa primeira illusão, conhecia-se

que entre aquelles dous homens, o que revivia no quadro e o que o contemplava, havia mais de um seculo : separava-os o tumulto de duas gerações ; um nascera com a descoberta do novo mundo, em 1491 ; o outro apenas contava trinta annos de idade.

Não era portanto um retrato em face do original, como a principio parecia ; era sim uma recordação, um typo conservado pelo artista, que a natureza por uma mysteriosa coincidência caprichára em reproduzir, e que talvez o artificio inspirado por occulto pensamento tratara de aperfeiçoar.

Depois de rever-se um momento naquella imagem, como em um espelho moral, onde se reproduziam as suas idéas, o frade continuava seu passeio, perlongando o aposento.

Então já não era o mesmo homem ; o talhe acurvava-se ; a cabeça inclinando obscurecia os traços da physionomia ; os olhos afundavam quasi occultos pelo senho carregado ; as faces se contrahiam, e a boca ainda mais cerrada, repuxando os musculos faciaes, abria rugas precoces naquelle rosto que antes parecia expandir-se em toda a robustez da idade

Nessa occasião representava mais dez annos ; era quasi um velho, gasto pelas vigalias e macera-

ções de uma pratica ascetica , arrastando com o passo já meio tremulo uma existencia atribulada, expiando talvez no jejum e penitencia os erros da mocidade desregrada.

Qual dos dois homens era o verdadeiro ? Qual das duas physionomias era a mascara que disfarçava a outra ?

A mocidade não se finge ; o fogo do sangue , que borbulha nas veias e ferve no coração, depois que os annos o gelam, não ha mais aquece-lo ; essa expansão da vida no momento de sua florescencia, uma vez passada, nada a faz voltar.

Si pois havia mascara na physionomia desse homem, era a velhice prematura, que desaparecia quando o espirito distrahido por algum pensamento grave , esquecia a materia que elle escravisava, deixando o corpo livre da pressão reivindicar sua actividade e desenvolver-se de repente com o impulso da vigorosa constituição.

Havia apenas tres horas que o P.^o Gusmão de Molina desembarcara e achava-se no convento : ninguem sabia ao certo o que o trazia ao Brasil e quem o enviava ; mas era natural que tocado do mesmo fervor de Nobrega e Anchieta, viesse apos-

tolar entre os selvagens e plantar a cruz nos desertos, cingindo-a com as palmas do martyrio.

Assim pensavam todos e o mesmo provincial, a quem o recémchegado nada communicara a respeito de sua viagem : apenas no momento de beijar-lhe a mão, dera-lhe o toque symbolico do grão de *professo*, e tanto bastou para que o superior não lhe dirigisse uma só pergunta, e o acolhesse como filho da casa.

Rodeado pela communiidade que estava anciosa por saber noticias da Europa, Molina satisfez á todos e ao mesmo tempo se informou do estado das cousas no Brasil ; dahi a uma hora ficou ao corrente de todas as questões importantes da Ordem, na Bahia ; não porque lhe houvessem os padres revellado segredos que ignoravam, mas porque a sua perspicacia lera a verdade nas noticias vagas que lhe ministravam.

Quando a sineta do refeitório tocou, o recémchegado que desejava estar só mandara pedir dispensa ao provincial ; e depois de tomar na cella uma açorda confortante e um calice de vinho de relego, dirigio-se á bibliotheca então completamente deserta.

Ahi, seu primeiro cuidado foi passar um exame

minucioso aos papeis que os padres haviam deixado sobre a meza na occasião de irem á refeição ; leu um trecho ou uma pagina de cada um desses trabalhos, e fez o seu juizo á respeito da capacidade de seus authores ; pela escolha das materias deduzio observaões que deviam servir-lhe para conhecer o character daquelles homens.

Depois de ter assim interrogado esses objectos e lida em seu aspecto tudo que elles exprimiam, como á pouco havia lido no espirito dos frades, Molina deixou-se levar pelos pensamentos que de tropel lhe assaltavam o espirito e o transportavam a outras regiões.

E' nessa occasião que o encontramos medindo a passos lentos a sala da livraria, até que a communi-
dade voltando da refeição o veio interromper em suas elocubraões.

Fernão Cardim e Vaz Caminha entrarão em ultimo lugar. O provincial tinha o rosto ainda mais prasenteiro e o gesto ainda mais vivo e animado. O licenciado conservava o serio imperturbavel que nunca o abandonou ; a ventura lhe negára uma das expressões caracteristicas da phisionomia humana ; seu labio não sabia sorrir.

Atravessando a sala os dois encontraram-se com

o P.º Gusmão de Molina, que continuava seu passeio :

— V. Paternidade já repousou dos incommodos da travessia ? perguntou Fernão Cardim.

— Quanto basta para cumprir as ordens V. Reverencia ; disse Molina com humildade.

— As ordens do nosso instituto, P.º Molina ; replicou Fernão Cardim. Mas para isso ainda é cedo ; mal chegastes, e ninguém conheceis na cidade do Salvador.

— E' verdade : ninguém que eu saiba.

— Pois quero que vosso primeiro conhecimento seja o melhor. Aqui está o doutor Vaz Caminha, principal advogado da terra, homem de boas lettras, e melhores virtudes, com quem gostareis de praticar.

O frade e o licenciado se cortejaram ceremoniosamente.

— Agradeço á V. Reverencia o favor que me depara ; porém receio que pessoa de tanto saber não se desagrade da companhia de um pobre servo de Deos, ignorante nas cousas que deleitam o espirito.

— V. Paternidade não ignora, respondeu mansamente o doutor, que as aves de altanaria antes de erguer o vôo rastejam com o chão para desentorpe-

cerem as azas ; aos homens de grande engenho succede o mesmo , descem muito para subirem mais.

O frade lançou um olhar rapido sobre o velhinho. Advinhou elle que essa crosta rude e grosseira cobria delicada polpa e um espirito elevado ?

O Provincial se tinha afastado alguns passos para inspecionar o serviço de um donato que preparava o jogo de xadrez, collocado junto á janella, sobre um bufete ; vendo todas as peças enfileiradas em seu lugar, voltara-se para o licenciado.

— Não façamos esperar aos *reis*, doutor ! disse Fernão Cardim apontando para as figurinhas chinezas, e sorrindo de seu trocadilho.

— Não sou capaz de tal descortezia ; aqui me tendes.

Fazendo uma reverencia ao P.º Gusmão, o licenciado foi tomar seu lugar á direita do bufete, e defronte do Provincial : este esquecendo o mundo concentrava sua attenção no taboleiro, cujas casas pretas e brancas se lhe afiguravam posições estrategicas de dois exercitos inimigos no começo de uma grande batalha.

— Toca-vos a mão, Vaz Caminha ; disse o Provincial depois de tirar a sorte.

— E' justo ; replicou o letrado ; aqui são os *piões* que primeiro sabem.

E dizendo isto empurrou um trebelho, que fez o jesuita erguer a cabeça, e olha-lo espantado.

— Que é isto, doutor ! Jogais o pião do roque ?

— *Omnis variatio delectat*, P.º Provincial. Quero experimentar jogo novo.

— Não creio que vos deis bem com a lembrança.

— A experiencia mostrará.

Fernão Cardim desconcertado em seus planos com a sahida do parceiro, levou o anullar á testa, e reflectiu profundamente no lance, até que ao cabo de cinco minutos resolveu-se a fazer a primeira jogada.

A biblioteca a pouco e pouco ficára deserta ; os padres acabando o trabalho, desciam á cerca do convento, e ahi á sombra das arvores proseguiam na leitura de alguma obra ; outros sabiam ao cumprimento de seus deveres religiosos e apesar de ser o dia de festa iam, como confessores que eram de diversas casas, á cura das almas.

Entretanto a partida de xadrez se travára ; o provincial completamente absorvido não dava fé de cousa alguma ; porém Vaz Caminha dividia a attenção entre o jogo e os importantes acontecimentos

daquella manhã, que vieram perturbar a calma e doce monotonia de sua existencia.

Não lhe sabia da memoria a carta que Estacio lhe mostrára ; quanto mais reflectia, maior vulto tomava a suspeita de que as ultimas novidades politicas do reino tivessem alguma connexão com o destino de seu pupillo. A' estas preocupações vinha ligar-se a lembrança do misterioso emprazamento daquella dama desconhecida que dizia precisar de seu conselho.

Tambem não deixava de impressiona-lo a presença do jesuita recém-chegado, que continuava á passear de um canto á outro da sala.

O ar de excessiva humildade do P.^o Molina não o tinha illudido ; advinhára que sob aquella apparencia enganadora se escondia o superior, o qual não tardaria a revelar-se.

Ntsto .o jesuita aproximou-se do bufete, e esteve alguns instantes a contemplar o jogo, que se complicára em suas variadas evoluções. Segurava então o provincial uma das peças, e assentando-a de chapa na proxima casa exclamou com ar de triumpho :

— Xaque ao rei !

O licenciado era um habil jogador; com um volver d'olhos apreciava a posição do parceiro, e oppunha

uma defeza invencivel, ou preparava um ataque decisivo ; conhecia todas as manhas do adversario e previa os mais bem combinados lances.

Elle tinha porém estudado o parceiro e conhecido seu fraco ; porisso como homem que sabia viver, perdia sempre, e sacrificava a gloriola de jogador de xadrez á vantagem real e positiva de conservar um amigo, que lhe podia servir de muito em caso de necessidade.

Assim quando o provincial, pensando que ia ganhar a partida, soltou o primeiro grito de triumpho, já o seu parceiro, que desejava ainda por algum tempo disputar a victoria, tinha prevenido o ataque e inutilisado todo o plano, cobrindo o rei com um cavallo.

— Ah ! tinheis esse cavalleiro á mão ! disse Fernão Cardim desconcertado.

— Si V. Reverendissima em vez de xaquear de longe, approximasse sua dama do rei, não succederia isso ; disse o P.^o Molina, em tom condoido ; e na segunda jogada daria mate.

O provincial mordeu os beiços de despeito :

— Nao sabia que V. Paternidade era fórte no xadrez.

— Pouco entendo deste, como de outros jogos.

— Entretanto tem avisos prudentes que não são de principiante, mas de mestre.

P.º Gusmão sorriu :

— Taes avisos não os aprendi nesse taboleiro de sessenta e quatro casas, porém em outro maior a que chamam o mundo, P.º Provincial. Si eu quizesse atacar um governador, digo, um rei, não o ameaçaria de longe para que elle se prevenisse; approximar-me-hia ao contrario para conhecer-lhe o fraco, e dar mais certo o golpe.

O licenciado volveu á furto os olhinhos para o frade e admirou a expressão de energia que realçava a intelligente physionomia : o provincial embebido em novos calculos não deu attenção ao incidente.

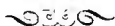
Ouviu-se no Terreiro a musica das charamellas, adufes e pifaros em concerto com o vozear alegre da multidão.

O P.º Molina dirigiu-se á uma das janellas que abria sobre a praça ; por entre as rotulas pretas enfiou o olhar rapido e incisivo do homem observador.

Entretanto os dous enxadristas continuavam impassiveis. O convento poderia tombar sobre suas

cabeças, que o estrondo da queda não perturbaria o provincial na elocubração profunda do xaque-mate, e o paciente doutor no chylo do jantar e das idéas que ruminava desde a sua chegada.

*Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinæ.*



IX.

Fica bem averiguado que o latim é uma lingua barbara.



Os preludios da musica annunciavam que a festa ia começar.

Esplendido e magnifico era o espectaculo que apresentava o Terreiro do Collegio. A multidão, que enchia a praça, ondulava marchetando-se das cores vivas e brilhantes dos trajes e atavios. -

Pelas janellas das casas pendiam vistosas colxas

da India com franjas e lavores de preço ; uma infinidade de bandeirolas, flamulas e galhardetes esvoaçava ao sopro da brisa do mar, formando um iris mobil e volante.

A claridade do sol batendo de chapa sobre a immensa aleatifa de sedas e velludos, fazia scintillar as facetas das pedrarias, o polimento das armas e o lustro dos arnezes, cujos reflexos brilhantes esgui-chavam como espadanas de uma cascata de ouro.

Na sombra que projectavam os toldos de seda outro quadro se desenhava menos vivo, porém mais delicado. Em volta das archibancadas do circo, como collar de perolas, ou festão de rosas, estavam as mais formosas damas da Bahia, desfolhando o sorriso na ponta do labio travesso, vertendo cores e feitiços das faces rosadas.

Ao primeiro lanço d'olhos, o painel se mostrava confuso e enredado, como os mosaicos chinezes e os arabescos mouros.

Logo apoz a multidão que se agitava na praça figurava um dragão de mil cores, á enroscar em anneis o dorso de escamas prateadas. Afinal quando a vista se afitava, os objectos se tornavam distinctos, as formas varias destacavam ; podia-se então apreciar a disposição da scena.

O circo ainda completamente deserto abria-se no centro mesmo da praça. Corriam em volta duas teias : a primeira que servia de estacada era de gradil verde : a segunda que separava a multidão estava coberta de raxa vermelha ; entre ambas havia um passeio estreito, no qual já appareciam alguns cavalleiros.

Pela cinta exterior se elevavam de espaço a espaço compridas lanças com suas divisas listradas ; ao longo dellas estavam postados os soldados do terço da fortaleza de Santo Antonio da Barra, com as couras amarellas e as alabardas afiadas, promptos a manter a multidão em respeito e socego.

A' meio-do circulo, em face uma da outra, tinham armado duas tendas verdes, a primeira destinada para os aventureiros ; assim chamavam naquelle tempo os cavalleiros que tomavam parte nos varios jogos e sortes. A segunda era reservada para os mantenedores.

Fronteiro á entrada de liça e mais elevado, erguia-se um gracioso pavilhão de damasco branco dividido em tres arcos : o do centro mais largo fôra aderessado com finas alcatifas e lindos coxins de veludo para o Governador e as familias por elle convi-

dadas: os das extremidades para os officiaes da camara, e ministros de justiça, fazenda e guerra.

Uma escadaria tapessada descia para um largo estrado, que ficava sobranceiro á liça; ahí viam-se as tres cadeiras dos juizes em torno de uma mesa coberta de velludo com a salva de prata, onde se guardavam as joias e objectos de primor, que deviam ser dados em preço de valor e galhardia aos cavalleiros que se avantajassem nos jogos.

Pela beira do estrado passeiava com um ar de importancia a fazer inveja ao mais pedante desembargador da casa da supplicação, nosso conhecido mestre Bartholomeu, que pelo seu porte athletico e pela entonação magestosa de sua voz, fora escolhido para desempenhar as funcções de arauto. O cantor da capella tinha um aspecto soberbo sob suas vestes de cerimonia; mirava-se com ufania na cota d'armas que lhe cobria o peito, no jubão roxo com morenilhos de retroz, e no brazão que trazia do lado esquerdo.

Sobre o arco central que sustentava a copula do pavilhão tinham pintado as armas que Thomé de Souza dera á cidade do Salvador quando a fundára; eram essas uma rola branca sobre campo verde, tendo no bico um ramo de oliveira com o

seguinte distico em letras de ouro :—*Sic illa ad arcam reversa est.*

Esse emblema recordava a tradição biblica. A rola simbolisava a mensageira de Deos que viera annunciar ao Brasil a aurora da civilisação, como no começo do mundo annunciára ao genero humano a bonança depois do deluvio ; a arca era a cidade onde n'um futuro bem proximo se devia salvar a colonia da invasão estrangeira.

Sob o docel do pavilhão já se achava D. Diogo de Menezes, o qual nesse momento esquecia seu elevado cargo, para lembrar-se como cavalleiro do que devia ás damas das mais nobres e ricas familias, que por convite especial occupavam os lugares distinctos, e formavam por assim dizer a pequena côrte do Governador.

Entre todas, uma linda menina attrahia os olhares dos cavalheiros, que em sua ardente admiração a proclamavam rainha da belleza.

Era Inezita.

O longo véo, que de manhã na missa lhe occultava o rosto e disfarçava o talhe, desaparecera ; agora o traje de gala deixava contemplar em seu brilho as graças da encantadora criação, que a na-

tureza concebera em algum momento de enlevo e cristalisára com um beijo de mãe.

Tudo era mimoso e delicado no corpo gentil que palpitava de esperança e amor, ondulando no requebro suave, desatando nos movimentos faceiros, como si a alma lhe vertesse dos labios, para embebe-la de luz e envolve-la toda em um só e unico sorriso.

A coifa de fios de ouro, colhendo as tranças negras em volta da cabeça, ia terminar em coração na fronte pura, onde os cabellos riçados anellavam-se como espiras de um diadema, lembrando o gracioso penteado, a que uma rainha infeliz dera seu nome.

As sobrancelhas arqueavam como traços fugitivos de um pincel embebido em nanquim ; e as palpebras ligeiras, ou cerravam-se beijando as faces com os longos cilios e azulando a tez com as tenues sombras, ou deslaçavam como folhas de rosa nadando em gotas de leite.

Nesses rápidos instantes via-se a limpidez e a perfeição de seus grandes olhos ; a pupilla negra, engolfada no cristalino humido e transparente, coalhava em globulos de luz branda e serena ; o olhar

não era visão, sim reflexo de irradiação íntima, doce fulgor de innocencia e candidez.

Aljofar diaphano enrubecendo aos raios do sol ; alva lençaria corando ao reflexo de fitas escarlates ; fino esmalte onde o branco e o carmin se cambiam ; nem uma dessas imagens pôde dar uma idéa da cutis mimosa, que avelludava aos toques da luz.

Brincava-lhe o coração nos labios rosados, que enflorava o meigo sorriso, abrindo nas faces duas covinhas graciosas, ninhos feiçeiros, onde se incubavam desejos de amor estreme : porém ás vezes uma expressão seria colhia esse deslace das feições gentis, e traçava em toda a pureza as linhas harmoniosas, que, desenhando o collo flexivel, torneavam as espaldas e iam fugindo perder-se na volta de um collarinho de renda.

O corpilho de lhama de ouro, atufando-se para debuxar o relevo de dois seios de virgem, depois estreitando para moldar o talhe esbelto e senhoril, cerrava a cintura de menina, e abria as azas sobre as amplas dobras da saia de razo branco, que arfava com o influxo das formas seductoras.

Das largas mangas de volante, apanhadas por um broche, escapavam os lindos braços cujos contornos

divinos pareciam talhados no mais candido alabastro ; as mãos pequenas e melindrosas, uma machucava a cambraia rendada de um lenço de Valencia, a outra brincava no regaço, alisando distrahidamente os rofos do setim.

Trasia gargantilha e pulseira de rubis ; o cinto de velludo azul era broslado de ouro e cravejado de gemmas preciosas ; dois lindos diamantes engastados nos pingentes das arrecadas tremulavam suspensos á pontinha da orelha, como gotas de orvalho pendurando-se das petalãs de uma flor ou borbulhando nos labios de uma concha nacarada.

Tinha a cabeça recostada no espaldo do cochim de velludo, e deixava os olhos vagarem incertos pela scena que se desdobrava em face, acompanhando o fluxo e refluxo da multidão alegre e pressurosa.

Eis que subito rubor accende-lhe a côr mimosa das faces ; e ligeiro estremecimento de sensitiva que se arrufa, corre-lhe pelos hombros delicados.

As palpebras cerraram ; o sorriso que ia desabrochar fugiu dos labios ; a mãosinha buliçosa descahiu-lhe immovel ; a fronte inclinou timidamente ; o seio offegou, comprimido por uma sensação estranha.

Vira dois cavalheiros que atravessavam pelo fundo da praça ; um delles fazendo estacar o fogoso ginete, procurava de longe com os olhos algum objecto querido ; a donzella reconhecera Estacio, e foi presa do sentimento vago que se apodera da virgem na presença do homem amado.

Que sentimento é esse ? Mixto indefinivel de pudor e vaidade, de ineffaveis alegrias e mysteriosos presentimentos ; vaga alternativa de receio e confiança, de inquietação e serenidade.

Estacio vestia saio e calças de setim azul guardado de alvo torçal : as armas eram pretas com labores dourados ; o talabarte e cinto de couro negro pespontado de branco com espeguilha de prata. Do capacete rematando em longo velilho fluctuante sobre as ancas do animal, escapava-se a alva pluma que enroscando em volta do pescoço ia beijar a face afogueada pelo sol ; montava com elegancia um soberbo cavallo negro, que estremecia de ardor e impaciencia sob o freio coberto de espuma ; na mão direita trasia a lança com manga de seda azul ; na esquerda tinha passado o escudo sobre o qual via-se a lettra : *Amor vincit omnia*.

O outro cavalleiro era Christovão ; trajava, como seu amigo, roupas do mesmo molde e das mesmas

cores. Cavalgava um ginete tordilho arreiado com primor ; sella coberta com telliz de veludo, e jaeses de aço tauxiado com frisos de ouro ; na tarja via-se por timbre uma estrella brilhando entre nuvens em campo azul com a legenda latina : *Me videt, ducit me.*

Um instante Inezita pallida e tremula esteve sob a influencia magnetica do olhar de Estacio, como sentindo aquelle raio luminoso deslizar-lhe pelo rosto e abrasar-lhe as faces ; até que as palpebras ergueram-se a medo. De um volver ella viu o gesto de admiração ardente que se pintava no semblante do moço.

Ergueu a cabeça desvanecida : o sorriso de adoração, que adejava nos labios de Estacio, acabava de reflectir como um espelho sua belleza deslumbrante.

Seu olhar envolveu amorosamente as feições do moço em ondas de luz ; depois fitou-se no escudo, e procurou decifrar com o coração, mais do que com o espirito, o enigma da divisa. Um quer que seja lhe disia que ali havia uma palavra para ella : na impossibilidade de tradusir, soletrava decorando uma a uma as letras.

Nisto D. Diogo de Meneses, approximando-se

pela frente do pavilhão, tomou-lhe a vista. A menina máo grado seu não se pôde conter; deixou escapar um movimento de contrariedade tão vivo que fez o governador sorrir.

— Bem vejo que o sol queima á quem lhe faz sombra! disse D. Diogo brincando.

Inezita arrependeu-se da sua imprudencia.

— Não é assim?

— Que sei eu! balbuciou ella confusa.

— Sabem esses lindos olhos, que me estão deitando quebranto, porque...

— Porque?...

— Porque lhes roubei um olhar que andava enleiado, Deos sabe onde.

— Oh! não! exclamou a donzella muito corada. Eu digo o que era.

— Algum guapo cavalleiro?

Estacio e Christovão tinham desaparecido na entrada da rua; Inezita, conseguindo encobrir sua perturbação, graças á innata dissimulação das mulheres, abanou a cabeça com um arzinho de malicia.

— Eram aquellas tenções dos escudos, que estavam me aborrecendo! disse ella meio arrufada.

— Ah! As divisas em latim!... exclamou o governador rindo.

— Não é mal feito escreverem n'uma lingua que não se entende ?

— Certo que parece falta de galanteria ; mas assim usaram nossos pais.

— E' que as damas então sabiam muito ! replicou a moça.

— Mencia que hoje, e os proprios cavalleiros mal soletravam essas palavras : isso porém não impedia que as trouxessem gravadas no coração, mais do que no escudo.

— Melhor fora que as comprehendessem ; o que se guarda no espirito vai-se ; o que sentimos n'alma, fica para sempre.

— Oh ! que as sentiam ! Bebiam com o primeiro leite e só as perdiam com o ultimo suspiro.

— Embora ! Antes as queria na lingua que fallamos.

— Já vejo que vos enfada não poder entende-las ; não seja isso rasão de quererdes mal aos nossos cavalleiros ; em vindo elles vos tradusirei as lettras dos seus escudos.

— Todas sem faltar uma ? acodiu a menina contente.

— Desde a primeira até a ultima.

— Que bom é saber ! disse Inezita sorrindo.

Os tres juizes do campo, Alvaro de Carvalho, D. Francisco de Aguilar e Balthasar Telles, dirigiram-se ao governador pedindo-lhe venia para começar a festa, e voltaram logo á occupar seus logares. Immediatamente tocaram de novo as chamarelas e adufes, cujos sons se confundiram ao longe com o tropel dos cavallo.

Dahi a instantes uma cavalgata brilhante e luzida appareceu no canto da rua, e fazendo sua entrada na liça deu volta á teia ; saudou o Governador e as damas com airosos meneios e giros das lanças, e foi collocar-se á direita.

Conduzia D. Fernando de Ataíde, que vinha ataviado com aprimorado luxo ; vestia saio e calças de setim cramesi acarelado de galão de ouro : de preto, como a longa pluma, eram os pespontes e orla do cinto e talim ; armas brancas, lança com manga escarlata, e no escudo a lettra—*Væ qui percutiant illum !*

D. José de Aguilar, irmão de Inezita era o segundo ; tanto elle como os outros cavalleiros em numero de vinte trajavam irmãos, e do mesmo modo que Fernando ; suas côres eram preto e escarlata.

Com pouco a segnnda quadrilha, conduzida por

Christovão, e composta também de vinte cavalleiros trajando azul e branco, entre os quaes distinguia-se pelo seu garbo e gentilisa Estacio Corrêa, assomou á entrada da liça e desfilando com igual solemnidade, foi postar-se á esquerda.

Então Inezita impaciente olhou travessamente para o governador.

— Quereis me lembrar, que o promettido é devido ! disse D. Diogo com amabilidade. Por onde começaremos ?

— Pelo céo ; respondeu Inezita sorrindo. Aquella estrella ?

Era um disfarce innocente para não se trahir perguntando pelo que mais a interessava ; era também um meio de aproximar-se de seu fim, porque Estacio estava logo depois do amigo.

D. Diogo correu os olhos pelos cavalleiros :

— E' de Christovão de Avila ? .. Tem a letra : *Ella me vê e me guia.*

— Ah ! que linda é ! exclamou Inezita lembrando-se de Elvira.

— Não é mends a do outro cavalleiro que não conheço. Sabeis quem seja ?

A menina enrubeceu e só pôde fazer um gesto negativo ; porque a voz prendeu-se-lhe nos labios.

— Tem um nobre parecer, continuou o fidalgo ; sua divisa é o verso de um grande poeta romano.

— Mas a primeira palavra não é latim ! acodio Inezita com vivacidade.

— Tem as mesmas letras e o mesmo sentido : diverge porém na pronuncia ; diz-se, *amor*.

— Ora ! Nas fallas portuguezas é mais doce ! respondeu a menina ingenuamente.

— E tambem nos coraçõs portuguezes ! replicou o governador galanteando.

— E a significação do verso ?

— Tendes razão. Ei-la : — *O amor tudo vence*. Que vos parece ? Não é gentil, e sobretudo verdadeira ?

— Quem sabe ! murmurou a donzella tornando-se melancolica de repente.

— Oh ! Lá está D. Fernando de Athaide que traz um moto a fazer inveja aos mais esforçados lidadores dos tempos da cavallaria : — *Desgraçados aos que baterem no seu secudo*.

Inezita sorrio com desdem.

— Vosso irmão é que foi laconico : — *Ære* ! Disse muito em uma palavra ; seu escudo é de bronze.

Esse mote do alferes era uma travessura innocente de Fr. Carlos da Luz, confessor da casa. Na dubia significação daquella palavra latina tinha elle reunido as duas faces mais saliente do character de fidalgo. *Ære*, fortaleza de bronze ; *ære*, cupidez de moeda.

D. Diogo continuou a traduzir as divisas mais engenhosas dos diversos cavalleiros ; esse doce entretenimento distrahia seu espirito das graves preoccupações que lhe trouxeram os importantes despachos chegados do reino naquella manhã.

Seu orgulho soffrera com a separação do governo do sul ; mas para não dar aos inimigos e sobretudo ao partido dos jesuitas o prazer de se regosijarem com sua mortificação, o fidalgo como habil politico tinha o semblante tão prasenteiro e risonho, que não parecia o mesmo homem de aspecto frio e severo.

Inezita já não prestava attenção a D. Diogo, tendo sabido e que desejava, seus olhos foram-se prezos no semblante do moço : o espirito começou a revoar como phalena ou silpho em torno das palavras escriptas no escudo do cavalleiro.

Tenue sombra de melancolia annuviara o rosto mimoso : a frase entusiasta que Estacio pedira ao poeta para exprimir a energia de seu amor e a nobre

ambição de sua alma, lhe accordára no coração um pensamento triste, antes alentado com os murmurios da festa.

- De repente a menina estremeceu ; notara o lugar em que se achava Estacio ; observou que elle tinha de bater-se com seu irmão. Embora não passásse de um jogo o combatte, apertou-se-lhe o coração com essa idéa. Ver assim em luta duas affeições, e não saber qual dellas preferir, era cruel : desejava que o homem a quem amava vencesse, mas não queria seu irmão vencido.



X.

Do como se correu segunda lança.



Volvam-se os olhos á outro prisma da scena.

Sobre o telhado de uma casa terrea proxima á liça, estava desde cedo trepada uma sucia de galopins de todas as côres, começando no mais retinto foucinho africano ou no vermelho acobreado do caboclo, e acabando no branco ruiivo do pequeno ilhéu do Fayal.

O principio da obediencia é uma lei essencial de toda a associação, ainda mesmo ephemera. Reuni duas creaturas : uma obedece infallivelmente á outra ; sinão, brigam ambas para saber qual terá a primasia. A republica dos galopins, que se estabelecêra provisoriamente com territorio no telhado da casa, não podia eximir-se á regra constitucional da sociedade : tinha um chefe, á quem obedecia.

Era este, um caboclinho de doze á treze annos, á quem seus camaradas chamavam Martim. Não tinha elle cousa alguma saliente, que não fosse sua excessiva fealdade. Era realmente seu rosto o cunho de um desconcerto completo da phisionomia humana ; o nariz usurpára o molde do queixo ; a testa era cabelluda ; o pescoço começava na boca ; as orelhas comiam as bochechas ; os olhos, como os do carangueijo, projectavam-se fóra das orbitas, ou recolhiam-se dentro.

Qual fosse o titulo á que devia Martim o mando sobre seus camaradas, seria difficil atinar. Não era elle o mais esperto, embora não lhe faltasse certa agudeza ; não era o mais forte tambem : muitos dos que ali estavam obedecendo ao aceno seu, tinham mais coragem e dupla robustez. Quanto á posição, a do bicho da taberna de mestre Braz era somenos á

do estúpido moleque ou do galleguinho mais imundo da ribeira.

Essa grande questão social, do direito e razão dos que sobem e paciência dos que descem, é um problema que por muitos seculos ha de esperar solução. Acaso e felicidade, — responde a voz geral quando interrogada á respeito de semelhante anomalia. Penso eu porém que é isso um symptoma da degradação da consciencia publica. Só a ignorancia acceita e o indifferentismo toléra o reinado das mediocridades.

Aquellas creanças ali estavam no Terreiro do Collegio, desde o começo da festa; submergidas na multidão, privadas absolutamente de ver o que passava na liça, agitavam-se insofregas de um para outro lado. A necessidade as reuniu em frente de uma casa terrea, cujo telhado as estava do alto convidando a verem a gosto os folguedos e jogos. Difficil, mas não impossivel, era a escalada; e qualquer da roda já a teria praticado, si não fosse o receio de que o dono da casa, um velho remendão, levando a cousa a mal, applicasse algumas lambadas de tirapé ao intromettido.

Neste comenos, Martim, escapo das garras do taberneiro, chegou e foi logo mettendo-se na sucia.

Ninguem lhe deu attenção ; continuaram os outros á mirar o telhado com olhos compridos e a tentarem uma investida, de que recuavam logo pela razão sabida do tirapé. O caboclinho tinha já perdido o pudor do castigo ; acostumadô ao regimen do bodegueiro que diariamente o moia de pancadas á vista da gente toda que enchia a taberna, era cousa de pouca monta para elle uma lambada de mais ou de menos. Arrostando pois impavido o tirapé do remendão ; e em dois saltos encarapitou-se na beira do telhado. Cessou a indecisão ; todos os outros, com excepção de alguns medrosos, o imitaram.

Eis porque se achou Martim feito chefe da sucia. Quanta gente deve como elle a posição elevada que alcança, a ter perdido o pudor do castigo que inflige a opinião publica ?

Subido ao seu improvisado palanque, avistou o caboclinho na teia os pagens que circulavam a liça, promptos a acodir ao signal dos varios cavalleiros, á quem serviam. Entre esses chamou especialmente a attenção de Martim um rapasito pouco mais velho que elle, trajado em corpo, com pellote de belbute côr de rosa. Apenas o lobrigou, entregou-se á um trabalho tal de gesticulação que parecia um telegrapho em caso de perigo. Afinal como de nada lhe

valessem os respectivos signaes, levou as mãos á boca em fórma de busina e gritou :

— Gil l...

O côro respondeu :

— ...il, il, il l...

O pagensito voltou-se para o telhado e dando com o caboclinho levou a mão aberta á boca ; com o dedo annullar fez o gesto de silencio e com a palma o de espera. Tudo isto com certo empertigamento casquilho, que bem mostrava quanto o pagensito tomava ao sério suas funções.

— Bico ! disse Martim para os outros. Não me piem !

— Nada de barulho !... acodirão alguns.

O resto calou-se ; e arregalou os olhos porque a corrida estava proxima.

O signal da investida souou na liça.

As duas quadrilhas, de lança em reste arremeteram á desfillada uma contra a outra, e esbarraram no meio da estacada, como as trombas d'água que embatem no oceano pulverisando-se. Os cavallos, de chofre estacados no ardor da carreira, empinaram, topando peito com peito ; as lanças romperam nos escudos, que retiniram ferindo-se ; os justadores

com o impeto da peleja, dobrando sobre os contos, se enovelaram na turbilhão.

Um instante foi impossivel distinguir entre os vortices daquelle torvelinho de homens o que passara ; os espectadores mudos e suspensos esperavam cheios de curiosidade ; Inezita pallida e sem respiração sentia paralisadas no seio as pulsações que ha pouco o faziam estumecer-se brandamente ; o proprio D. Diogo, em quem revivera a imagem, desmaiada já, das esperanças e glorias da mocidade, reanimou-se com o choque dos cavalleiros.

Rapido e fugace passou esse momento de auidade : foi como pausa imperceptivel no meio da lufa-lufa do combate.

Os cavallo arcano, arrancaram á final em nova desfilada, nitrindo, aspirando o ar pelas narinas dilatadas, atirando ao vento as crinas espersas. As duas quadrilhas, deslaçando-se como fios de uma meada, atravessaram a arena e foram de novo alinhar-se na extremidade opposta áquella de onde tinham partido.

Então pode-se apreciar o resultado da justa, e ver os destroços que a onda de cavalleiros em seu furor havia deixado sobre o campo ; ginetes estropeados, campeões desarmados, lanças rompidas,

capricetes e jaeses rolando pelo chão, e um justador desmontado, tendo a seus pés o escudo que lhe saltara do braço.

Inezita conseguiu abafar o grito de prazer, que expirou nos labios e perdeu-se na ruidosa acclamação do povo saudando o vencedor.

O cavalleiro desmontado era D. Fernando de Athayde; de cabeça baixa e desfigurado, o moço corria-se de vergonha diante dos olhares da multidão: á custo ergueu o escudo que deixara cahir, cavalgou de novo, e foi collocar-se á direita de sua quadrilha.

Uma tremenda surriada o acompanhou durante o curto trajecto.

O pagensito vendo por terra D. Fernando voltára-se para o telhado, e sem que o percebessem introduzira na boca dois dedos, fazendo o gesto de assobiar. Martim comprehendeu e transmittiu a senha aos socios; immediatamente a vaia estrugio pelos ares.

— Cahio !...

— Fio, fio, fio !

Do outro lado da liça Estacio apertava sorrindo a mão de Christovão; laivos do nobre orgulho, que é reflexo das almas superiores, brilhavam no sem-

blante do moço, á quem o fervor da peleja avivara o cunho de energia, que a natureza lhe imprimira na feição.

Entre todos os espectadores Inezita unicamente viu e comprehendeu o aperto de mão dos dois amigos ; para os outros não passaria de uma felicitação ; para ella a quem nada escapara, era um agradecimento.

Só o olhar da mulher que ama, olhar que vê com o coração e adivinha com os presentimentos, podia acompanhar no meio do turbilhão da investida um daquelles cavalleiros, e reconhece-lo entre tantos outros ataviados com as mesmas côres.

Ainda com o animo partilhado entre os dois sentimentos que a dominavam, Inezita ouvira o signal ; mas quando os cavalleiros chegaram as esporas aos flancos dos fogosos animaes que saltaram com o impeto da dôr, o grito do coração mais forte sopitou a voz do sangue.

Durante um segundo a menina só viveu naquelle olhar que protegia seu amante.

Viu Estacio, que estava á esquerda de Christovão, tomar rapidamente a dextra na occasião da partida. Seguirá o moço por entre a lufa-lufa, até que a sua lança batendo em cheio no escudo de D.

Fernando, saltou em estilhaços. Vira o negro corcel retrahir-se de um salto, devorar a terra e estacar na teia, onde chegavam ao mesmo tempo os outros cavalleiros.

• O que porém a menina não tinha visto, porque seu olhar se condensara todo para envolver Estacio, fôra que a lança impellida com a força da carreira obrigara D. Fernando de Athayde a vergar sobre as ancas da cavalgadura, perdendo a sella e cahindo por terra desmontado.

Quando pois as duas quadrilhas separando-se deixaram a descoberto o centro da estacada, ella soltara aquelle grito de triumpho e gratidão ao mesmo tempo ; mencou a cabeça altiva com o orgulho sublime da mulher, que se ennobrece pela gloria do homem amado, e agradeceu a Estacio do fundo do coração a delicadesa de respeit-la na pessoa do irmão.

Seu olhar encontrou o olhar do moço e estremeceu ; mas não fugiu sem vasar n'alma de Estacio um raio de luz, desses que ficam eternamente, e douram os sonhos azues do amor puro e as illusões diaphanas que alvorecem na manhã da vida.

Entretanto os espectadores admiravam Christovão, a quem naturalmente attribuiam a façanha ;

alguns é verdade que julgavam ter visto na confusão da peleja justar com D. Fernando de Athayde um campeão que montava ginete preto ; mas não deram a isso grande attenção.

Ao passo que os juizes consultavam, Inezita curiosa e inquieta não se podia conter.

— A quem caberá o preço ? disse ella como falando comsigo, mas bastante alto para ser ouvida pelo governador.

— Sem duvida que á D. Christovão de Avila, que bem o mereceu ; disse D. Diogo. Melhor lança não a tem El-Rei em seus Estados do Brasil.

— Que fez elle ? perguntou a menina surpresa.

— Não vistes ? Desmontou o mais brilhante cavalleiro da quadrilha escarlata, D. Fernando de Athayde que lá está cobrando novos brios para tomar sua desforra.

— Cuida o Senhor Governador que fosse elle ?

— Tenho como certo, menina. Era o primeiro.

— Antes de partir ; disse Inezita com vivacidade.

— E no recontro ainda o era, como agora.

— Não ! Eu bem vi !...

— O que ? perguntou D. Diogo.

Inezita balbuciou ; ia trahir-se, mas dissimulou a tempo.

— O cavalleiro que correu com D. Fernando não montava um cavallo preto ?

— Com effeito, quer-me parecer que assim era ! açodiu D. Diogo pondo os olhos no tordilho de Christovão. Mas seguramente que foi engano....

— Tão verdade como ser azul meu cinto ! disse a donzella em tom de profunda convicção.

— Pode ser.... Mas eis o que vai tirar-nos da duvida : respondeu o Governador mostrando com um aceno a mesa onde sentavam os tres juizes.

O arauto fazendo uma profunda cortezia aos tres cavalleiros, chegou-se á beira da rampa. Ahi desempenando o corpo e correndo um olhar pela multidão, soltou a voz sonora e emphatica no meio de profundo silencio :

— Em nome de Sua Senhoria, o Senhor D. Diogo de Menezes e Siqueira, Fidalgo de Foro Grande, Governador e Capitão General deste Estado do Brasil por Sua Magestade D. Felipe III, que Deus Guarde :

Aqui mestre Bartholomeu inclinou-se ; temperou a garganta, e tomando a respiração continuou :

— Os cavalleiros Alvaro de Carvalho, Alcaide-Mór da Bahia, Balthasar Telles, Provedor da Fazenda, e D. Francisco de Aguilar, Senhor de Paripe,

Juizes nomeados pelo mesmo Senhor Governador para decidirem dos jogos e torneios dados em honra sua e satisfação de sua chegada pelos homens bons desta cidade, nobres e mercadorês ; mandam proclamar em praça, por arauto e passavante, ao som e toque de caixa, o nome do campeão que por suas boas partes e gentilezas houve o preço da justa ; e outrosim ordenam que o mesmo se affixe por edital na entrada da liça.

Houve uma curta pausa, durante a qual mestre Bartholomeu gozou da soffreguidão geral. Os espectadores suspensos esperavam de sua boca a aclamação do vencedor, a quem álias todos já conheciam ; o nome soou por fim na estacada.

— O cavalleiro D. Christovão de Garcia de Avila !

O despeito que sentiu Inezita foi tal, que uma lagrima borbulhou em seus limpidos olhos e empannou-os. Docu-lhe aquella injustiça, e docu-lhe sobretudo que o voto de seu pai a tivesse confirmado ; nesse momento quiz mal a Christovão, a quem ella estimava por ser amigo de Estacio, e a Elvira porque o amava.

— Bem vedes que foi engano vosso, menina ; disse o governador recostando-se na poltrona de velludo.

— Sou capaz de jurar-o ainda sobre a cruz, Senhor governador; foram elles que se enganaram.

Christovão, mal o arauto pronunciou seu nome, disparou o animal apesar do movimento que fez Estacio para retel-o: esbarrando em frente ao pavilhão, levantou o capacete com um movimento gracioso:

— Por desleal e cobarde me haveria eu, e daria á todos direito para como tal me tratarem, si recebesse por premio de valor o que a outrem pertence. O preço desta justa, si alguem o houve, foi de certo o cavalleiro que de um bote da sua lança atirou por terra o contrario, e o desarmou.

— E não sois vós esse cavalleiro? perguntou Alvaro de Carvalho.

— Não, Senhores! E o declaro alto e bom som; foi Estacio Corrêa!

O povo, que sympathisa com tudo que é grande e nobre, admirou a acção dos dous amigos; a modestia e heroismo de um, a franqueza e lealdade do outro; nos seus applausos e vivas entusiasticos ligou os nomes de ambos, como se foram ambos vencedores.

Martim se encolheu todo para expellir do franzino corpo o grito estridente, como se expreme e escorro-

picha de um odre todo o vinho que elle contem. Apertando os joelhos contra o ventre gania, que era um desespero :

— Vi... i... i. . i... va l...

As damas agitavam os lenços, e sentiam lá no fundo do coração uma voz doce a dizer-lhes baixinho que ellas amariam qualquer um daquelles dous moços, ou mesmo ambos, si fosse possível, sómente por premio e honra de tão bella acção.

As mulheres naquelle tempo tinham dessas nobres inspirações ; não sabiam tanto calcular com os sentimentos ; conheciam a santidade de sua missão neste mundo, e não havia gloria ou virtude que ellas não dourassem com um raio de amor.

A alegria de Inezita foi immensa ; sua alma expandiu-se ; o olhar humido e fagueiro agradecia a Christovão, ás damas, ao povo, ao ultimo dos galopins trepados nas esquinas das ruas, a gloria de Estacio ; essa gloria lhe pertencia tambem pela santa communhão que o amor crea logo entre duas almas.

Quanto a D. Diogo, habituado a estudar o homens, tinha conhecido por aquelle traço o character dos dous amigos ; eram valentes espadas e braços leaes com quem a todo o tempo poderia contar.

No meio dos generosos sentimentos que despertára a imprevisita declaração de Christovão, havia tres homens que se conservavam frios e impassiveis ; eram os juizes. Compenetrados dos deveres de sua posição, tão severos e rigorosos em pontos de honra, como si tratassem de decidir da vida e fazenda alheia, consultavam sobre o caso ; uma decisão injusta nesse objecto os infamaria tanto, como a suspeita de suborno em um causa importante.

Os jogos militares daquelle tempo tinham no meio da apparente futilidade um pensamento serio e de longo alcance ; serviam de exemplo e eschola á mocidade, que se amestrava para as verdadeiras lutas, e bem cedo adquiria esforço e brios. Eram estimulo para nutrir na população o espirito guerreiro necessario em epochas de conquista. Por isso os reis e governadores os tinham em tanto apreço.

Explicada a troca que se déra entre os combatentes, os tres juizes dividiram-se nas opiniões : Alvaro de Carvalho entendeu que o premio era de Estacio pois o caso nada influa na decisão ; Balthasar Telles porém foi de voto que o facto da troca do logar, sendo uma irregularidade, annullava o acto posterior ; e citou immediatamente boa copia de textos latinos para confirmar seu parecer.

— Não se trata agora de decedir pleitos, nem demandas, Senhor desembargador ; replicou Alvaro de Carvalho com firmeza. Em negocios de armas tenho por melhor lição a minha velha experiencia do que todos os textos e alfarrábios da vossa livraria.

— Ninguem vos tolhe o alvitre ; dei o meu voto e disse.

— Voto de togado ! murmurou o velho alcaide. E vós, Senhor D. Francisco de Aguilar, como vos parece ?

— Estou com o Senhor Balthasar Telles ; o preço não foi ganho.

— Pois então fazei o que vos approuver ; exclamou Alvaro de Carvalho batendo com o punho fechado sobre a mesa ; mas declarai que tal decisão não teve o meu conselho.

Soltando estas palavras arrebatadas, o velho, fórte e vigoroso apesar dos seus setenta annos, subiu os degráos do pavilhão ; os olhos brilhavam com fogo juvenil, e a mão tremula de colera repuchava com impaciencia as pontas retorcidas do longo bigode branco.

— Onde ides tão açodado Alvaro ? Que vespa vos

mordeu? perguntou sorrindo o governador, que conhecia o genio do soldado.

— Vou em busca de um homem, que tenha o arrojo de dizer-me, a mim, Alvaro de Carvalho, que minto, quando affirmo que gente de béca e traficantes de assucar, entendem tanto de justas, como eu de trapaças e rabolices.

— Que succedeu?

— Não acabam elles de decidir que aquelle valente mancebo, Estacio Corrêa, não deve ganhar o preço, porque fez virar de cambalhotas a D. Fernando, em vez do vosso alferes?

— E agora o que contam fazer?

— Não o sei eu: elles que a desatem.

O arauto publicou então a decisão dos juizes, que mandavam Estacio correr nova lança com o seu contrario, D. José de Aguilar, afim de que o preço fosse conferido em regra.

— Está vendo, Sua Senhoria! exclamou Alvaro de Carvalho. Tem isto algum geito? E' ou não rabolice?

— Socegai, Alvaro; não desarasoai por nonadas. Respeitai a opinião dos outros, para que respeitem a vossa.

— Porém, si é uma injustiça ! acodio Inezita inquieta. O Senhor governador não devia consentir.

— Que posso eu, menina ? perguntou D. Diogo.

— Não fostes vós que os nomeastes ? Tendes direito de ordenar-lhes que emendem seu erro !...

— Reparai, D. Ignez, disse o fidalgo sorrindo, que censurais gravemente vosso pai !

A menina cabiu em si :

— Não podia ter tal pensamento ; mas elle foi severo de mais, não é verdade ?

— Foi injusto ! exclamou o alcaide. E Deos queira não se arrependa elle ! Estacio é capaz de fazer a vosso irmão peor do que a D. Fernando. Eu conheço aquelle rapaz !...

— Vamos, Alvaro, não desampareis o vosso posto ; disse D. Diogo. Ide e sede menos arrebatado, meu velho soldado ; nem tudo se leva á ponta de espada.

O alcaide desceu lentamente a escadaria.

— Oh ! impedi este combate, Sr. governador ! disse Inezita inquieta.

— Porque vos assustaes ? perguntou D. Diogo com bondade.

— Tenho medo ! murmurou a menina.

-- Mas não passa de um jogo ! Deixai que brilhe vosso irmão !

As caixas rufaram annunciando o combatte ; os dois cavalleiros tomaram praça, e esperaram o signal da partida.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE QUIRINO & IRMÃO
rua da Assembléa n. 54

INDICE.

I.	Em que se trava conhecimento com dois mancebos de boas prendas.....	5
II.	Como outrora rezavam na missa duas beatinhas bahianas.....	17
III.	Onde Mestre Bartholomeu revella seus doctes para a solfa cantada.....	31
IV.	No qual vem a lume um papel velho.....	44
V.	Quem era o licenciado Vaz Caminha alias doutor de capello.....	63
VI.	Que dá uma versão da historia do celebre Roberio Dias.....	75
VII.	Que trata das novas do reino e do mais que seguiu.....	89
VIII.	Como o P.º Provincial deu xaque ao rei e foi xaqueado.....	111
IX.	Fica bem averiguado que o latim é uma lingua barbara.....	125
X.	Do como se correu segunda lança.....	143

ERRATA.

PAG.	LINH.	ERRO.	CORRECÇÃO
23	22	na	em
32	19	outro	opposto
35	19	a	o
69	22	importaxa	importava
81	1	guarda-a	guardai-a
81	13	estabelecidos	restabelecido
82	15	de S.	em S.
104	5	vosso	vossa
190	15	gritas	justas
141	2	alentado	acalentado

A' VENDA
NA LIVRARIA GARNIER

69—RUA DO OUVIDOR—69

LUCIOLA, perfil de mulher, publicado por G. M., segunda edição revista, 1 vol. in-8.º	3\$000
DIVA, perfil de mulher, pelo autor de LUCIOLA, 1 vol. in-8.º	2\$000
A MORTE MORAL, novella por A. D. de Pascual, 4 vol in-8.º br. 8\$000, encad.	12\$000
SOPHIA PRITEMPS, por A. Dumas filho, 2 vol. br. 2\$000, encad.	3\$000
CAROTIN, por P. de Kock, 3 v. br. 3\$, enc.	5\$000
PAULO E SEU CÃO, pelo mesmo, 4 vol. br. 4\$000, encad.	6\$000
O MARQUEZ DE POMBAL, por C. Robert, 1 vol. br. 1\$000, encad.	1\$500
MARTHA, por Max Valrey, 3 v. br. 3\$, enc.	4\$500
OITO DIAS NO CASTELLO, por F. Soulié, 1 vol. in-4.º	3\$000
RAPHAEL E A FORNARINA, novella por Méry, 1 vol. in-4.º br. 800 rs., encad.	1\$500
OS TRIPEIROS, romance-chronica do seculo XIV por A. C. Lousada, 1 vol. in-4.º br. 1\$, enc.	1\$600

ROMANCES DE EUGENIO SUE.

A INVEJA, 1 vol. in-folio.....	5\$000
A IRA, 1 vol. in-folio.....	3\$000
A SOBERBA, 1 vol. in-folio.....	8\$000
A SALAMANDRA, romance maritimo, 3 vol. br. 3\$000, encad.....	5\$000

OBRAS DO BACHAREL M. I. ALVARES DE AZEVEDO (poesia e prosa), precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. Jacy Monteiro, terceira edição correcta e augmentada com as OBRAS INEDITAS, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor, 3 vol. in-8.º.....

PEREGRINAÇÃO PELA PROVINCIA DE S. PAULO, por A. E. Zaluar, 1 vol. in-4.º.....

REVELAÇÕES, poesias pelo mesmo, ornadas do retrato do autor, 1 vol. in-4.º.....

OBRAS DE D. J. G. DE MAGALHÃES.

URANIA, collecção de 100 poesias ineditas, 1 vol. in-8.º.....

SUSPIROS POETICOS E SAUDADES, segunda edição revista e augmentada, 1 vol. in-4.º.....



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).